

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



**A MATERNIDADE PARA
AS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS**

MARIA AMÉLIA TOSTES FILGUEIRAS CAMPOS

Belo Horizonte

2013

MARIA AMÉLIA TOSTES FILGUEIRAS CAMPOS

**A MATERNIDADE PARA
AS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da
Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de concentração: Saúde da Criança e do
Adolescente.

Orientador: Prof. Joaquim Antônio César Mota

Co-orientadora: Profa. Rosa Maria Quadros Nehmy

Belo Horizonte

Faculdade de Medicina da UFMG

2013

Campos, Maria Amélia Tostes Filgueiras.
C198m A maternidade para as mulheres comuns contemporâneas
[manuscrito]. / Maria Amélia Tostes Filgueiras Campos. -- Belo Horizonte: 2013.
139f.: il.
Orientador: Joaquim Antônio César Mota.
Co-Orientador: Rosa Maria Quadros Nehmy.
Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.
Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Mulheres. 2. Gestantes/psicologia. 3. Mães/psicologia. 4. Relações Mãe-Filho. 5. Comportamento Materno/psicologia. 6. Dissertações Acadêmicas. I. Mota, Joaquim Antônio César. II. Nehmy, Rosa Maria Quadros. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: WQ 200

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca J. Baeta Vianna – Campus Saúde UFMG

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE MEDICINA

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor: Prof. Clélio Campolina Diniz

Vice-reitora: Profa. Rocksane de Carvalho Norton

Pró-reitor de Pós-Graduação: Prof. Ricardo Santiago Gomez

FACULDADE DE MEDICINA

Diretor: Francisco José Penna

Vice-diretor: Tarcizo Afonso Nunes

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE – ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO: SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Coordenadora: Profa. Ana Cristina Simões e Silva

Subcoordenador: Prof. Eduardo Araújo Oliveira

Colegiado:

Profa. Ana Cristina Simões e Silva

Prof. Eduardo Araújo de Oliveira

Prof. Alexandre Rodrigues Ferreira

Prof. Jorge Andrade Pinto

Prof. Ivani Novato Silva

Prof. Marcos José Burle de Aguiar

Maria Cândida Ferrarez Bouzada Viana

Suelen Rosa de Oliveira (Representante discente)

A todas as mulheres que são mães

A todas as mulheres que querem ser mães

À minha mãe

À minha filha

Agradeço

*À Universidade Federal de Minas Gerais, à Faculdade de Medicina, à Fapemig
que me deram a chance de pesquisar e desbravar
um pouco mais do misterioso e fascinante universo feminino;
ao orientador Joaquim Antônio e à co-orientadora Rosa Quadros,
pelo acolhimento recebido e pela aposta em meu projeto de pesquisa;
ao então diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão do HC-UFMG,
professor Henrique Leite, pelo estímulo à temática da pesquisa;
à equipe de funcionários do Serviço de Pré-Natal
do HC-UFMG, fundamental na viabilização das entrevistas;
a todas as vinte mulheres comuns entrevistadas dessa pesquisa, que se
dispuseram a falar e a revelar para uma estranha o que elas sabem
da maternidade e do sexo feminino;
ao conjunto de funcionários do Centro e Pós-Graduação
da Faculdade de Medicina,
pelo apoio, boa vontade e disponibilidade em ajudar;
à minha família, especialmente ao Sérgio, Pedro e Laura que,
nesses últimos quatro anos, souberam aceitar, respeitar e entender a minha
opção pela pesquisa, bem como os sacrifícios advindos dessa escolha;
a ajuda e o amparo dos amigos de sempre;
à vida, que tanto me deu e ainda me dá.*

*“Só as mães são felizes
porque nos dão a vida”.*

Barão Vermelho, Album, 1996.

FIGURAS

FIGURA 1: Eixos Temáticos	P. 111
FIGURA 2: Eixos Temáticos X Participação das Entrevistadas	P. 112
FIGURA 3: Eixos Temáticos Reformulados	P. 113
FIGURA 4: Lógica de Funcionamento dos Significados da Maternidade P.	114
FIGURA 5: Feixes Temáticos Relacionados à Vocação Materna da Mulher	P.115
FIGURA 6: Feixes Temáticos Relacionados à Não Vocação das Mulheres para a Maternidade	P.116
FIGURA 7: Feixe Temático – Matrimônio.....	P.117
FIGURA 8: Três Categorias de Sentido da Pesquisa	P.118
FIGURA 9: Enunciados Representativos das Três Categorias de Sentido da Pesquisa	P.119

TABELA

TABELA 1: Significados dos Eixos Temáticos	P.120 - 126
--	-------------

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi o de compreender o significado da maternidade para as mulheres comuns contemporâneas. Realizou-se pesquisa qualitativa utilizando a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados, e a análise de conteúdo para o tratamento das informações. Os resultados revelaram que ser mãe é o fato mais importante na vida dessas mulheres, mas que a maternidade só se traduz em uma experiência para elas se escapar ao cálculo. Assim, as mulheres comuns contemporâneas decidem ser mães porque menosprezam a lógica da razão moderna, valorizam a contingência e situam a experiência materna como algo extra-ordinário. As mulheres dessa pesquisa acabam por explicitar um discurso amoroso e transcendente sobre a maternidade que se contrapõe a um contexto social regido pelo planejamento, pela técnica e pelo consumo.

Ao vislumbrarem na maternidade uma “dádiva”, as mulheres comuns contemporâneas afastam-na do alcance e da eficácia do discurso moderno voltado para o “*homo consumens*” e, de certa forma, reabilitam o “*homo faber*”. Os resultados da pesquisa apontam na direção de uma subjetividade feminina “complexa” que instala a experiência materna na contramão da primazia do “eu”, no avesso da sociedade de consumo e no enfraquecimento da objetividade como o valor privilegiado do pensamento moderno, remetendo a relação mãe e filho para uma instância à deriva dos principais referenciais da modernidade. As mulheres comuns contemporâneas dessa pesquisa apostam na maternidade para serem felizes e querem ser “boas mães”.

ABSTRACT

The objective of this research was to understand the meaning of motherhood for contemporary ordinary women. Qualitative research was conducted using semi-structured interviews to collect data, and content analysis was employed to process the information. Results revealed that being a mother is the most important fact in the lives of these women, but motherhood is only translated into an experience for them if it escapes their calculation. Thus, contemporary ordinary women decide on becoming mothers because they underrate the logic of modern reason, valuing contingency, and they place maternal experiences as something extra-ordinary. The women of this research ultimately explain a loving and transcendent speech about motherhood that contraposes with a social context governed by planning, technique and consumption.

Upon envisioning motherhood as a “boon”, contemporary ordinary women depart it from the scope and the efficacy of modern speech, directed to “*homo consumens*” and, somehow, rehabilitate “*homo faber*”. Results aim in the direction of a “complex” feminine subjectivity that installs maternal experience against the primacy of “me”, in reverse from consumer society and in the impairment of objectivity as the privileged modern thought, referring the relationship of mother and child for an instance adrift from the main references of modernity. Contemporary ordinary women bet on maternity to be happy and they want to be “good mothers”.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO

1.1 O DILEMA DA MATERNIDADE QUANDO “O MUNDO É DAS MULHERES”.....	12
BIBLIOGRAFIA CITADA	18

2 – RELATOS METODOLÓGICOS

2.1 A OPÇÃO PELAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE	19
2.2 A DEFINIÇÃO DO PÚBLICO DE MULHERES PARTICIPANTES	20
2.3 O CONTATO COM AS POSSÍVEIS PARTICIPANTES DA PESQUISA	22
2.4 AS ENTREVISTAS COM AS PARTICIPANTES DA PESQUISA	27
2.5 OS OITO EIXOS TEMÁTICOS DAS ENTREVISTAS	32
2.6 OS SIGNIFICADOS DOS EIXOS TEMÁTICOS E OS FEIXES DE SIGNIFICADOS	34
2.7 OS FEIXES AMPLOS DE SIGNIFICADOS E A LÓGICA DE FUNCIONAMENTO DOS SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE	36
2.8 AS CATEGORIAS E AS SUBCATEGORIAS DA PESQUISA	39
BIBLIOGRAFIA CITADA	45

3 – ARTIGO ORIGINAL: A MATERNIDADE NÃO PODE SER MUITO CALCULADA: UM PONTO DE VISTA DAS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS.....	46
---	-----------

4 – ARTIGO ORIGINAL: A MATERNIDADE É UMA DÁDIVA DO FEMININO PARA AS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS	79
---	-----------

ANEXOS

GRÁFICOS E TABELA	111
-------------------------	-----

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ATA DA DEFESA DE TESE

DECLARAÇÃO DA DEFESA DE TESE

1 INTRODUÇÃO

1.1 O DILEMA DA MATERNIDADE QUANDO “O MUNDO É DAS MULHERES”

“Foi como se durante a noite tudo o que a América concebia como o papel da mulher fora questionado. Seu lugar era a casa e, de repente, ela se candidatava ao curso de medicina ou a um MBA” (Collins, 2010, p. 95). A revolução feminista ocorrida no início da década de 60, nos Estados Unidos, se deu de forma tão intensa e veloz, substituindo tão drasticamente um formato de mulher doméstica e completamente submissa à autoridade masculina por outro em que o sexo feminino controlava as rédeas de seu próprio destino, que, para quem não prestou atenção na teia de acontecimentos que desencadearam essa revolução, deve ter tido a sensação de alguém que, após um longo e profundo sono, acorda e se vê diante de um mundo irreconhecível.

“O modo como as mulheres vêem a si mesmas e o modo como as outras pessoas olham para as mulheres é, hoje, completamente diferente do que era 30 anos atrás ... Nossas filhas crescerão com as mesmas possibilidades de nossos filhos”, afirma Betty Friedan, o ícone do movimento feminista americano e ocidental, em seu livro de memórias *Life So Far* (Collins, 2010, p. 351).

A afirmativa de Friedan é uma realidade no mundo ocidental. As mulheres estão maciçamente nas universidades, no mercado de trabalho e conseqüentemente, no de consumo; são reconhecidas formadoras de opinião e não podem ser menosprezadas em quaisquer campanhas políticas: de um candidato a líder comunitário ao postulante à presidência de um país. Diante da

constatação de que o tradicional “sexo frágil” se impõe hoje como força motriz fundamental da vida social, política e econômica das sociedades ocidentais, não causa nenhuma estranheza afirmar que “o mundo é das mulheres”¹.

Com o mundo como limite, a “rainha do lar” perdeu espaço no imaginário feminino que foi definitivamente alterado, atingindo inclusive aquelas mulheres que não participam do mercado de trabalho. Isso porque, no interior de seus lares, elas assistem as suas semelhantes circularem pelo universo midiático e elas são informadas, todos os dias, pela mídia, desse novo lugar e dessa nova posição feminina no mundo, o que as torna participantes compulsórias desse processo emancipatório do sexo feminino.

Se o lugar das mulheres no mundo foi radicalmente modificado, nesses últimos 50 anos, a maternidade contemporânea está longe do cenário de séculos atrás, especialmente no que diz respeito aos riscos que o parto representava para as mães. Na Europa pré-industrial, estima-se que uma mulher campesina perdia uma de cada três gestações em decorrência de alimentação deficiente ou de alguma doença (Anderson y Zinsser, 2009, p. 160). Um estudo sobre as famílias ducais francesas mostrou que um de cada cinco filhos menores de 15 anos morria, na década de 1750; cinquenta anos depois, esse índice baixou para um a cada 17 filhos (2009, p. 610). Pesquisas sobre a aristocracia inglesa de 1588 até 1641 demonstram que cerca de 25% das esposas que morriam

¹ “O Mundo é das Mulheres” foi o primeiro programa feminino da tv brasileira realizado na década de 60 pelo canal 5 da antiga TV Paulista atual TV Globo que lançou com sucesso a apresentadora Hebe Camargo, falecida recentemente. (<http://www.youtube.com/watch?v=cv40-tcU-RQ>) Por sua vez, o ex-presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, fora ovacionado quando, em junho de 2011, expressou essa frase durante uma cerimônia, em Curitiba, se referenciando ao incremento da presença feminina no Planalto Central. (<http://oglobo.globo.com/politica/o-mundo-das-mulheres-diz-lula-2877204>)

antes dos 50 anos morriam no parto ou em consequência de suas complicações, fazendo com que as possibilidades de uma mulher casada morrer jovem fossem duas vezes as de seu marido. As histórias das casas reais da Europa desde o século XV até o XVIII estão cheias de casos em que princesas e rainhas morrem de parto (2009, p. 509).

Completamente diferente desse panorama desanimador e arriscado, a maternidade nunca foi tão democrática como hoje. As mulheres possuem variadas formas de se tornarem mães ao longo de quase toda a sua vida e o parto é um expediente cada vez mais “rápido e seguro”: uma condição alcançada especialmente em razão da cesariana que, de “uma operação de salvamento tornou-se um tipo de parto comum” (Odent, 2004, p. 20 e 21).

Paradoxalmente, ser mãe é uma decisão cada dia mais complicada de ser tomada pela mulher. Pode-se dizer que a maternidade se transformou, atualmente, no maior dilema da mulher contemporânea (Badinter, 2011, p.17-27) e certamente isso tem a ver com o fato já mencionado de o “mundo”, hoje, pertencer às mulheres, ou seja, de não haver mais barreiras de ordem moral ou legal que impeçam as mulheres de chegar aonde elas desejarem ir. Abrir mão ou prejudicar a sua participação nesse “mundo” é o que passa a estar em jogo então quando uma mulher decide ser mãe, tornando a maternidade um palco de conflitos permanentes da mulher consigo mesma e da mulher na sua relação com o “mundo” que está ao seu alcance.

“O individualismo e a busca pela plenitude pessoal predispõem as futuras mães a se fazerem perguntas que elas não se faziam no passado” e a maternidade deixou de ser algo que tem a ver necessariamente com o “instinto” ou com o

“desejo universal” para ser uma “escolha” da mulher. Por sua vez, “optar por ser mãe não garante (...) uma melhor maternidade” e, diante de uma civilização dominada pelo princípio do “primeiro, o meu”, “a maternidade é um desafio ou mesmo uma contradição”, pois a mulher que se dispõe a por uma criança no mundo passa imediatamente da posição de “eu quero tudo” para a de que “eu lhe devo tudo” (Badinter, 2011, p.18 -25).

Muito espertamente e de forma bastante eficiente, a maternidade passa a merecer cada vez mais o foco da cultura midiática que assume para si a tarefa de formar e formatar as mulheres e as mães ocidentais no sentido de apaziguar o conflito que a maternidade lhes proporciona, ou seja, ao invés de explicitar a ambivalência feminina em relação à maternidade, a mídia lhes fornece informações, conselhos, normas, diretrizes, modelos, tudo no intuito de promover a mãe ideal, a super mãe, a mãe “olimpiana” (Morin, 2005, p. 105-107).

A maternidade assim entra na moda. Uma celebridade midiática não é completa sem ser mãe de pelo menos um filho. Basta passear os olhos pelos canais abertos da televisão brasileira para notar que praticamente todas as apresentadoras de programas de entretenimento do sexo feminino (Xuxa, Angélica, Eliane, Adriane Galisteu, Luciana Gimenez, Fernanda Lima e por aí vai) engravidaram, nesses últimos anos, fazendo da maternidade um ingrediente a mais para aumentar a sua audiência e a sua exposição na mídia.

Atrizes de novelas que engravidam são notícia. Seus filhos quando nascem, são notícia. Um passeio em família, se for realizado pelos famosos, é notícia. Ser mãe torna as olímpianas humanas. A maternidade aproxima as deusas da

mulher e do homem comuns que assim as vêem como uma igual e que, por isso, merecem a sua admiração e até a sua compaixão. Se algo trágico acontece a uma olimpiana ou a sua família, o homem comum sofre e partilha da sua dor, pois as deusas, no sofrimento e na tragédia, se igualam aos mortais.

A maternidade é tratada pela mídia como um ideal feminino e, quando problematizado, é sempre sob o enfoque de que a mulher moderna é capaz de dar conta de ser ao mesmo tempo uma mãe zelosa, uma boa administradora doméstica, uma mulher bonita e uma profissional competente. Essa supermulher está exposta nas bancas de revistas aos olhares atentos e curiosos das mulheres e homens comuns.

Capas de revistas transformam empresárias de sucesso em modelos de mães. Entrevistas com mulheres-mães buscam demonstrar como é possível para uma mulher conciliar satisfatoriamente a maternidade com a profissão. Corpos de ex-grávidas famosas são exibidos publicamente no intuito de confirmar que a maternidade não deixou marcas na perfeição física das deusas.

Mães olimpianas são flagradas na academia de ginástica, três meses depois do parto, já recuperando a forma, numa demonstração de que a maternidade é algo simples, passageiro e transitório e que, portanto, não é nada que uma mulher não possa superar a partir de seu próprio empenho e sua força de vontade. A intenção é, por um lado, descomplexificar a maternidade e, por outro, espetacularizá-la e glamourizá-la, lançando a mulher-mãe em uma frustração permanente diante do confronto estabelecido entre a sua própria experiência e aquela apregoada pela mídia como possível e factível.

Contudo, para além da mídia e do “mundo”, as mulheres geralmente querem ser mães. A maternidade não é uma questão apenas social, de mercado ou regida pelos meios de comunicação. Ela é contaminada pelo funcionamento da sociedade, mas extrapola os ditames sociais. Há algo que está na ordem da natureza e da satisfação feminina, do modo da mulher lidar com a sua própria condição sexual que compõe um território complexo pelo qual a maternidade transita. Ser capaz de gerar e parir um filho não é uma aptidão qualquer e essa condição de propiciadoras da vida está no cerne do feminino, fazendo com que a maternidade continue sendo “a grande desconhecida” (Badinter, 2011, p.23) até mesmo para as mulheres.

Escapar da sua destinação materna não é algo simples para uma mulher, a ponto de “uma mulher ou um casal sem filhos parecem hoje uma anomalia que provoca questionamento” (Badinter, 2011, p. 20). Ou seja, o “mundo” pode estar ao alcance das mulheres, como nunca antes, mas as variadas e criativas formas das mulheres lidarem com esse “mundo” passam necessariamente pela sua predisposição à maternidade, fazendo desta uma questão sempre pertinente ao feminino.

Essa pesquisa não pretende esclarecer o assunto – como se isso fosse possível –, mas jogar sobre o tema um ponto de vista da mulher comum contemporânea, essa mulher da nossa vida ordinária que, no século XVIII, não era considerada uma “pessoa do mundo” (Chatelet, 2002, p.7) e que, hoje, representa o avesso das “celebridades midiáticas” as quais Edgar Morin denominou de “novos olímpicos” (Morin, 2005, p. 106-107).

À pesquisa interessava, mais amplamente, perceber quais referenciais simbólicos, afetivos e psíquicos circunscrevem a experiência materna dessas mulheres e, mais especificamente, este trabalho buscou identificar os sentimentos predominantes nas mulheres comuns contemporâneas em relação à maternidade; o grau de importância que essas mulheres conferem à maternidade em suas vidas; como a gravidez e o parto participam da experiência geral da maternidade para esse universo feminino; que relação as mulheres dessa pesquisa estabelecem entre a maternidade e o trabalho ou profissão; se o modelo de “mãe ideal” faz algum sentido para essas mulheres.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ANDERSON, B.S. e ZINSSER, J.P.. **Historia de las mujeres** – Una historia propia. Espanha: Editora Crítica 2009.

BADINTER, E. **O Conflito** – A mulher e a mãe. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2011.

CHÁTELET, Madame Du. **Discurso sobre a felicidade**. São Paulo (SP): Editora Martins Fontes, 2002.

COLIINS, G. **When everything changed** – the amazing journey of American women from 1960 to the present. New York (NY): Little, Brown and Company/Back Bay Books, 2010.

MORIN, E. **Cultura de Massas no Século XX**. Vol. 1. Neurose. 9^a. ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2005.

ODENT, M. **A Cesariana**. 1^a. ed.. São José (SC): Editora Saint Germain, 2004.

2 RELATOS METODOLÓGICOS

2.1 A OPÇÃO PELAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Essa pesquisa queria conhecer o que as mulheres comuns contemporâneas têm a dizer sobre gerar, parir e criar filhos ou, em outras palavras, ser mãe. A maternidade como uma experiência subjetiva essencialmente feminina era então o foco da investigação desse trabalho. Tal propósito não deixava dúvidas sobre a propriedade de se lançar mão, nesse trabalho, dos recursos metodológicos qualitativos, os quais se mostram mais capacitados para lidar com a complexidade dos fatos humanos, esses seres por natureza imprevisíveis (Laville e Dionne, 1999, p. 32 e 33).

A entrevista individual e em profundidade é uma técnica qualitativa que permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Além do mais, é um expediente que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências dos informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. É próprio desse tipo de entrevista a procura pela intensidade nas respostas ao invés da quantificação ou da representação estatística (Duarte, 2005).

Tais propriedades tornavam a entrevista individual e em profundidade, portanto, uma opção bastante útil aos propósitos do trabalho em questão. À pesquisadora caberia a tarefa de interferir o mínimo possível na fala das entrevistadas, mas, por outro lado, conduzir os discursos de forma que eles partissem do momento de vida atual das informantes – do presente – e abordassem alguns eixos temáticos fundamentais para que a pesquisa

obtivesse um corpo discursivo comum a todas as participantes, ou seja, que todas as mulheres falassem mais ou menos sobre os mesmos temas. Daí poder-se dizer que as entrevistas possuíam uma semi-estrutura pela qual as falas das entrevistadas deviam, em algum momento, passar.

Mas, quais e quantas mulheres, afinal, participariam dessa pesquisa? E onde elas seriam buscadas?

2.2 A DEFINIÇÃO DO PÚBLICO DE MULHERES PARTICIPANTES

O sujeito dessa pesquisa foi definido desde que se desenvolveu a idéia básica de projeto deste trabalho: a mulher mãe. Mais especificamente, a mulher que aguarda por experimentar pela primeira vez ou por mais uma vez a maternidade. Definiu-se que a mulher grávida, pela primeira vez ou não, em situação de pré-natal, seria a mulher do tipo ideal para servir de alvo das investigações dessa pesquisa, uma vez que a condição de gestante propicia uma experiência especial e única à mulher, criando uma situação favorável à sua elaboração subjetiva como mãe. Mesmo uma mãe veterana, que já vivencia a maternidade, no seu cotidiano, não deixa de vislumbrar em um novo filho mais uma oportunidade de se defrontar com o novo, com o inesperado e, assim, depositar nessa nova experiência expectativas, ansiedades e sonhos.

Definiu-se também que as mulheres em situação de pré-natal seriam buscadas junto ao então Serviço de Pré-Natal do Ambulatório Borges da Costa, pertencente ao complexo do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais, incorporado, desde 05 de abril de 2010, ao novo Instituto Jenny de Andrade Faria de Atenção à Saúde do Idoso e da Mulher.

Embora seja uma característica desse Serviço o atendimento maciço a gestantes de alto risco ou pertencentes ao grupo da medicina fetal, o Ambulatório também presta atendimento a gestantes de risco habitual, que a pesquisa decidiu ser o seu público alvo. Não se julgou pertinente, para essa investigação, lidar com gestantes em situação de risco, uma vez que tal condição influenciaria certamente na subjetivação dessas mulheres, possivelmente, tornando-as inseguras sobre o seu futuro como mães e o de seus filhos.

Outra condição que a pesquisa convencionou para assegurar a participação da mulher como possível entrevistada é ela estar com pelo menos 28 semanas de gravidez, ou cerca de sete meses gestacionais. Nessa idade, o bebê já se encontra quase totalmente formado, a perspectiva do parto é uma realidade e a idéia do filho para a gestante é também mais organizada, mais percebida e sentida. O bebê mexe na barriga, o exame de ultrassonografia já permite que a mãe veja o filho se desenvolvendo dentro dela, as providências domésticas para receber o filho não podem mais ser adiadas e, para todos os efeitos, essa criança passa, a cada dia, a ter mais condições e chances de vir ao mundo.

Sob o ponto de vista dessa pesquisa, a abordagem da gestante no seu sétimo mês de gravidez parecia adequada por apresentar essa condição de quase termo da formação do bebê e, assim, desencadear na futura mãe vivências, afetos e expectativas bem perceptíveis. Ainda se ouve com freqüência das mães mais experientes que, depois que a gestante entra no sétimo mês, tudo pode acontecer. Ou seja, esse período gestacional, quando atingido, significa

que a possibilidade de um infortúnio já foi quase totalmente ultrapassada e que, dali para frente, é uma questão de tempo e de paciência para o bebê nascer.

Essa pesquisa, após resolver que lançaria mão de entrevistas em profundidade, também decidiu que o universo de entrevistadas seria quantificado sob os critérios qualitativos de saturação (Mella, 1998, p. 19; Bauer, 2008, p. 59).

2.3 O CONTATO COM AS POSSÍVEIS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa aconteceu, conforme o previsto, com a população de mulheres grávidas usuárias do Serviço de Pré-Natal do Ambulatório Borges da Costa do Hospital das Clínicas da UFMG e o público alvo foram as gestantes que entraram no Serviço classificadas como de risco habitual e que, no momento da entrevista, se encontravam com pelo menos 28 semanas de gravidez, o equivalente a cerca de sete meses gestacionais. No total, foram realizadas 20 entrevistas com mulheres que iam ser mães pela primeira vez ou que já eram mães.

As entrevistas obedeceram a uma mesma estratégia organizadora que ia desde a primeira abordagem à usuária do Ambulatório com possibilidades de ser participante da pesquisa até o acordo sobre a melhor data para ocorrer a entrevista. O tempo decorrido entre o primeiro contato com a futura entrevistada e a realização da entrevista propriamente dita variava de acordo com a idade gestacional de cada mulher.

O combinado entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa era que elas chegassem ao Instituto com um prazo superior a uma hora de antecedência, a

fim de que elas pudessem efetuar os procedimentos de rotina pré-consulta médica, como pesagem, por exemplo, e, em seguida, ser entrevistadas pela pesquisadora. O tempo de uma hora de entrevista foi o tempo médio de duração das entrevistas, as quais ocorriam sempre em um consultório médico que, naquele momento, não estivesse sendo utilizado para consulta.

O tempo de duração das entrevistas variava de acordo com as características pessoais de cada entrevistada. Os eixos temáticos da entrevista sugeridos pela pesquisadora às participantes da pesquisa eram, basicamente, os mesmos para todas. No entanto, enquanto algumas mulheres demonstravam uma maior capacidade de elaboração nas respostas, às vezes, inclusive, necessitando da intervenção da pesquisadora na recondução do assunto para o ponto de maior interesse, outras eram extremamente objetivas e sintéticas, cabendo também à pesquisadora um esforço no sentido de que elas conseguissem discorrer um pouco mais sobre cada ponto tratado.

Orientada pelas informações disponibilizadas pelas atendentes do Serviço de Pré-natal, a pesquisadora, antes de abordar a paciente que aguardava para ser consultada, já conhecia o seu primeiro nome, já sabia que aquela era uma paciente de risco habitual e também já estava informada se aquela era a primeira consulta ou uma consulta de acompanhamento da paciente no Serviço.

De posse desses três dados, a abordagem da paciente adquiria um direcionamento mais preciso e a paciente notava esse diferencial. A pesquisadora, de pé, no meio do corredor, se dirigia em voz alta para as mulheres ali sentadas, e perguntava: quem é “fulana de tal”? A resposta vinha

em seguida: “sou eu”. Essa maneira de se dirigir à paciente foi aprendida pela pesquisadora, lá mesmo, no local. Tanto as enfermeiras quanto os médicos repetem esse gesto várias vezes ao dia para se dirigir a elas. A pesquisadora simplesmente imitou o que viu. As pacientes assimilaram muito bem esse comportamento da pesquisadora, uma vez que já estavam habituadas a ele.

Uma vez identificada a paciente, a pesquisadora então se aproximava dela, sentava-se ao seu lado e, particularmente, se apresentava e lhe informava sobre a pesquisa. O interesse delas em participar era geralmente grande. A preocupação maior era como, quando e onde elas seriam entrevistadas. Afinal, elas não moravam por perto; algumas trabalhavam e não poderiam se ausentar do serviço em outros horários; outras tinham dificuldades de locomoção; outras alegavam que não teriam como deixar seus filhos fora dos dias marcados para as consultas médicas.

Foi então que a pesquisadora vislumbrou uma saída: a entrevista ocorreria no mesmo dia, próximo ao horário da consulta médica e nas dependências físicas do Serviço. Quando essa perspectiva de realização da entrevista era apresentada às pacientes, elas se tranquilizavam e normalmente aceitavam o convite para tomar parte na pesquisa.

Nesse momento, a pesquisadora lhes apresentava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e já lhes perguntava se elas viam algum problema em assiná-lo, mais tarde, no momento da realização da entrevista. O TCLE não foi refutado por nenhuma paciente.

Em seguida, a pesquisadora esboçava uma ficha rápida e básica de identificação da futura entrevistada: nome completo, idade, bairro de residência, idade gestacional, número de filhos (caso já fosse mãe) e telefones de contato. A pesquisadora lhe informava sobre a necessidade de ambas se comunicarem, periodicamente, até o momento da entrevista, a fim de que a viabilidade desse encontro fosse se concretizando cada vez mais. Dependendo do grau de incertezas quanto à possibilidade da entrevista ser de fato efetivada, a pesquisadora deixava com a paciente cadastrada o seu telefone celular de contato. Essa primeira abordagem das pacientes pela pesquisadora não durava mais do que 15 minutos, fosse para a proposta ser aceita por elas ou não.

No dia 04 de março de 2010, numa manhã de quinta-feira, a pesquisadora conseguiu contatar a primeira participante da pesquisa: uma adolescente de 16 anos de idade, primeira gestação, entrando no 5^o. mês gestacional e sendo encaminhada para a sua primeira consulta no Ambulatório. Ela só veio a ser entrevistada no dia 08 de julho de 2010, com 38 semanas de gravidez e já com 17 anos de idade.

No dia seguinte, 05 de março, sexta-feira, à tarde, mais uma paciente de primeira consulta foi contatada com sucesso: uma mãe de dois filhos, 30 anos de idade, em sua terceira gravidez, com cerca de três meses gestacionais, que seria entrevistada em 17 de agosto de 2010, com 33 semanas de gravidez.

Em 08 de março de 2010, uma segunda-feira, pela manhã, a pesquisadora contatou a sua terceira participante da pesquisa: uma mulher mãe de dois filhos adolescentes, que, aos 37 anos de idade, engravida novamente e está no

5º. mês gestacional. Sua entrevista ocorreu em 17 de maio de 2010, quando ela entrava no 7º. mês de gravidez.

Foi então que a pesquisadora percebeu que ela só estava tendo acesso às pacientes que eram encaminhadas para a primeira consulta no Ambulatório. Onde se encontravam as pacientes já em situação de acompanhamento ambulatorial e, talvez, com isso, em estado mais avançado de gestação, possibilitando que a entrevista pudesse ser marcada já para os primeiros dias do mês de abril? A sua preocupação, àquela altura, era com o prazo entre o primeiro contato com a paciente e a efetivação da entrevista. Muitos imprevistos poderiam ocorrer nesse período alargado de tempo e a entrevista poderia não acontecer.

A pesquisadora se dirigiu às funcionárias do atendimento e lhes solicitou informações sobre as marcações de consulta para pacientes já em acompanhamento médico. Com mais esses dados em mãos, a pesquisadora conseguiu contatar gestantes em oitavo e nono meses de gravidez, o que as tornava aptas para serem entrevistadas no menor prazo de tempo possível.

No dia 10 de março, uma quarta-feira, pela manhã, a pesquisadora contactou aquela que seria a sua primeira entrevistada. Ela tinha 42 anos de idade e 38 semanas de gestação. Era a sua primeira gravidez. A sua entrevista aconteceu em 05 de abril de 2010, já nas dependências das novas instalações do Instituto Jenny de Andrade Faria, cuja inauguração oficial ocorrera nessa data.

Os meses de abril a setembro de 2010 foram utilizados para as entrevistas com as pacientes cadastradas ao longo do mês de março daquele ano. As

entrevistas se davam sempre em consultórios médicos que estavam sem utilização. A pesquisadora necessitou novamente contar com a cooperação e a confiança das funcionárias do atendimento para lhe ceder a chave da sala desocupada por cerca de 1 hora.

2.4 AS ENTREVISTAS COM AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os momentos que antecederiam as entrevistas com as participantes da pesquisa eram sempre tensos, pois era necessário que houvesse uma conjunção de fatores para que a entrevista se efetivasse. Antes de qualquer coisa, a paciente tinha que conseguir chegar ao Instituto conforme o combinado, ou seja, com pelo menos uma hora de antecedência do horário marcado para a consulta. E isso nem sempre ocorria. Problemas de transporte, de trânsito, de ordem pessoal, enfim, se intrometiam no meio desse acordo. A solução era iniciar a entrevista e apostar no atraso da consulta médica. Isso às vezes dava certo, mas, às vezes, não. Aí a entrevista era paralisada até que a consulta acabasse e era finalizada antes da paciente deixar o Instituto.

Outro fator de última hora era a disponibilidade de consultórios para a entrevista. Essa disponibilidade às vezes era de uma ou duas horas, no dia, e a pesquisadora e a entrevistada tinham então que se encaixar nessa faixa de horário, pois, do contrário, eram obrigadas a mudar de local antes de a entrevista terminar.

A situação podia piorar ainda mais quando a paciente simplesmente não aparecia para a consulta nem para a entrevista. A pesquisadora então tinha

que aguardar o Serviço de Pré-Natal marcar uma nova consulta médica com a paciente para que a nova data da entrevista coincidisse com ela.

Bem, com o local estabelecido e acompanhada da paciente, a pesquisadora, com papel, caneta, TCLE e gravador em mãos, dava início à entrevista. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido era reapresentado à entrevistada para assinatura e a pesquisadora lhe avisava do momento em que o gravador seria ligado.

A primeira pergunta era sempre a mesma: “O que você poderia me dizer sobre o seu momento de vida atual”? Essa pergunta era a pergunta geradora de narrativa (Flick, 2009, p.165), motivadora da conversa. A intenção da pesquisadora era proceder a uma investigação em profundidade, mas partindo do momento de vida atual da entrevistada, ou seja, daquilo que a entrevistada estivesse considerando como o fato mais importante de sua vida, naquele momento.

Com essa pergunta, a pesquisadora buscava focar, delimitar, cercar, no tempo, as possíveis narrativas de suas entrevistadas, ainda que, durante a entrevista, para falar do presente, elas buscassem fatos ocorridos no passado e fizessem planos para o futuro.

Quando solicitada a reformular a questão geradora, a pesquisadora esmiuçava a pergunta com uma frase do tipo: “Bem, eu gostaria que você me falasse de como está a sua vida, hoje”, ou assim: “Eu gostaria de saber daquilo que é mais importante para você, hoje”. Aí, invariavelmente, a entrevistada começava a falar da sua condição de grávida e a entrevista deslanchava.

Analisando, depois, as entrevistas, pode-se afirmar que a pergunta geradora cumpriu com a sua função: a de situar, no tempo, a narrativa das entrevistadas, bem como a de colocar as gestantes para abordar o que lhes parecia o fato mais importante de sua vida, naquele momento. A pesquisadora não lhes solicitava que elas falassem de sua gravidez; ela lhes demandava que se expressassem sobre suas vivências atuais, esperando, com isso, que o mais significativo de sua realidade de vida, experimentada, naquela ocasião, emergisse.

As mulheres grávidas participantes dessa pesquisa não costumavam se demorar muito na resposta da pergunta geradora. A pesquisadora, a fim de incentivar que as entrevistadas aprofundassem na resposta da pergunta geradora, era obrigada a formular outras questões que visavam motivar a continuidade das falas das mulheres. Por mais que a pesquisadora buscasse se calar e não intervir nas entrevistas com novas perguntas, as entrevistadas demonstravam requisitar que a pesquisadora formulasse novas demandas.

Assim, as entrevistas tiveram uma configuração em que a participação da pesquisadora foi mais ativa do que ela própria esperava e desejava. Algumas mulheres reagiam muito bem ao estímulo indagador da pesquisadora e, com isso, conseguiam se expor com facilidade sobre os diversos tópicos levantados na entrevista. Outras, porém, demonstravam dificuldades para se expressar sobre o que sentiam e pensavam, se limitando apenas a responder, sucintamente, sobre o que lhes era perguntado.

Embora houvesse variações nos modos de falas das entrevistadas que faziam com que algumas fossem muito falantes, outras, nem tanto; algumas se

expressassem com desenvoltura e, outras, com certo acanhamento; algumas narrassem suas experiências de vida e seus sentimentos com riqueza de detalhes e, outras, evitassem se expor para a pesquisadora, o que interessava, para essa pesquisa, era o conjunto das falas dessas mulheres.

Cada entrevistada se expressava de acordo com o modo como ela absorvia as perguntas e as repercutia em si mesma. Tal situação é suportável para uma pesquisa qualitativa, a qual trabalha com a amplitude de sentidos, fazendo com que o pesquisador busque encontrar as qualidades que, no seu conjunto, caracterizam determinado fenômeno e o diferenciam de outros, mas sempre com a perspectiva de que as qualidades do fenômeno em questão só cobrem uma parte da realidade (Mella, 1998).

Levando em consideração, portanto, que a investigação qualitativa é sempre parcial e que os seus métodos de averiguação devem fazer jus à noção de parte expressiva da realidade, as entrevistas realizadas nessa pesquisa se nortearam pela intenção de captar a multiplicidade de pontos de vista das mulheres comuns contemporâneas sobre os temas relacionados à maternidade de forma a possibilitar que a diversidade de olhares pudesse desaguar num fluxo de experiências que fosse comum a todas as entrevistadas e, por conseguinte, a todo um segmento social por elas representado.

Assim como a realidade social é experimentada por meio de processos que se intercambiam e se interconectam (Mella, 1998), as entrevistadas dessa pesquisa, ainda que exibissem para a pesquisadora, particular e

individualmente, apenas o seu próprio ponto de vista sobre as questões da maternidade, não deixavam de estar conectadas umas às outras, quando suas falas se juntaram, depois, em feixes de significados.

Porque, afinal, nossas vidas não seguem uma linearidade progressiva, coerente e coesa. Essa coerência é uma construção realizada a *posteriori* pelo indivíduo ou pelo pesquisador, ao produzir uma narrativa. As marcas distintivas de cada sujeito social deixam traços pelos caminhos que, unidos a outros traços de outros sujeitos, definem feixes de percursos muito semelhantes, perfazendo trajetórias comuns. (Montagner, 2007).

Eram esses feixes de percursos comuns dentre as diversidades e individualidades de cada entrevistada que essa pesquisa buscava identificar e estabilizar, o que tornava o comportamento pessoal de cada uma das participantes da pesquisa menos importante do que se poderia supor. Pois, no momento de se formar os feixes comuns, o que uma entrevistada não conseguia nomear ou descrever, outra o fazia e, em determinadas situações, uma complementava a fala da outra, na medida em que ambas coincidiam em algum ponto de suas falas a respeito dos sentimentos ali envolvidos.

Assim é que, quando, mais tarde, submetidas à análise, as falas das mulheres se entrelaçaram, umas nas outras, e formaram blocos discursivos sobre temas específicos, os quais foram consolidados como eixos temáticos. A variedade desses eixos observada na análise das entrevistas foi maior do que a proposta como temas de abordagem durante a realização das entrevistas.

2.5 OS OITO EIXOS TEMÁTICOS DAS ENTREVISTAS

Ao dar início a uma entrevista, a pesquisadora trazia consigo a idéia de que a entrevista deveria passar por três temas bem definidos: gravidez, parto – como momentos pontuais da maternidade - e maternidade como um todo, incluindo nessa maternidade algumas questões relacionadas à família de origem - especialmente a mãe biológica da entrevistada – e à concepção, criação e educação dos filhos.

E esses temas de fato puderam se abordados por praticamente todas as entrevistadas, as quais ainda acrescentaram alguns outros de forma a se poder identificar, no conjunto de falas das participantes da pesquisa, um total de oito eixos temáticos: gravidez, parto, maternidade, filhos, família, trabalho, infância e matrimônio.

A identificação desses oito eixos temáticos se deu, na análise do material coletado, mediante à caracterização, por cores diferentes, dos trechos transcritos das falas das entrevistadas, ou seja, a pesquisadora ia lendo o material transcrito e identificando o assunto em pauta com sua respectiva cor. Para cada tema que ia surgindo, era designada uma nova cor, de forma que foram necessárias oito cores para corresponder aos oito eixos temáticos: vermelho para Gravidez; azul escuro para Parto; verde abacate para Maternidade; grafite para Filhos; laranja para Família; marrom para Trabalho; roxo claro para Infância e azul claro para Matrimônio. (FIGURA 1)

Todas as vinte entrevistadas falaram sobre os temas Gravidez, Parto, Maternidade e Filhos. A terceira entrevistada não abordou nenhum dos demais

temas; a décima entrevistada não falou do tema Trabalho nem do tema Infância. Esse tema também não foi abordado pelas entrevistadas E1, E4, E5, E6, E7, E8, E12, E14 e E17. O tema Matrimônio, além de não ter sido tratado pela entrevistada E3 – como foi dito anteriormente –, também não contou com o depoimento da entrevistada E6. A entrevistada E15 falou de tudo, menos da sua Infância. O tema Trabalho – que não teve a participação da E3 também – ficou sem a contribuição da E10 e E17. (FIGURA 2)

Dessa configuração das entrevistas, pode-se concluir que os quatro primeiros temas identificados como eixos temáticos 1, 2, 3 e 4 são os mais significativos para as mulheres entrevistadas. Pelo menos, é sobre eles que elas têm mais a dizer. Por outro lado, o eixo aqui denominado de Infância foi o menos tratado pelas entrevistadas: onze delas não tocaram no assunto.

Esse fenômeno talvez se explique pelo fato de as entrevistadas, ao abordarem a sua história de vida, terem colocado a figura da mãe como o centro dessa narrativa. E, nessa pesquisa, a personagem materna integrou, inicialmente o eixo Família (pai, mãe, irmãos, avós) e, depois, se firmou como um eixo temático próprio – o que será tratado oportunamente. Assim, como tudo o que dizia respeito a pai, mãe, irmãos, avós, etc. fora encaminhado para o eixo Família, houve um esvaziamento de conteúdo relacionado ao eixo Infância, o qual, para ser retratado, requisita, geralmente, a participação familiar.

Uma vez encontrados os oito eixos temáticos sobre os quais versaram as falas das entrevistadas, era o momento de decompor os significados portados por cada um desses eixos. Assim, foram reunidas, no eixo Gravidez, por exemplo,

todas as vinte falas sobre o tema; no eixo Parto, tudo o que foi dito a respeito, e assim por diante.

2.6 OS SIGNIFICADOS DOS EIXOS TEMÁTICOS E OS FEIXES DE SIGNIFICADOS

Para cada eixo temático, foram levantados, a partir de palavras-chave ou frases expressas pelas entrevistadas ou mesmo trechos das falas das mulheres, os significados ali contidos e cada significado se fazia acompanhar pelos depoimentos que o sustentavam. (TABELA 1)

As falas de cada uma das entrevistadas, a partir desse momento, estavam, portanto, duplamente compartimentadas: primeiramente, pelos oito eixos temáticos classificados; em seguida, pelos significados encontrados dentro de cada eixo temático. Esses significados, na medida em que iam se evidenciando, iam também demonstrando o quanto podiam se reaguntar em novos grupos. Daí a proposta da pesquisadora de agrupá-los agora no que ela denominou de feixes de significados. Não se tratava mais do discurso integral e individual de cada uma das mulheres, mas de partes desse discurso único que se juntavam a outras partes vindas de outros discursos proferidos por outras mulheres e que, dessa forma, compartilhavam sentidos e adquiriam uma outra unicidade.

Essa outra unicidade propiciada pelos feixes de significados não era, portanto, a fala isolada de uma entrevistada, mas a de um conjunto de falas de várias entrevistadas que mantinha entre si uma relação de proximidade ou de

similaridade e que, por isso, podiam pertencer a um mesmo feixe de significados.

Tal organização discursiva propiciou à pesquisadora uma nova percepção do conjunto de falas das entrevistadas. Antes de tudo, ficou evidenciado que as mulheres falavam sempre a partir do mesmo referencial: o referencial materno. De forma que, daquele momento em diante, os eixos temáticos ganharam novas nomenclaturas identificatórias: Maternidade – Gravidez; Maternidade – Parto; Maternidade – Mulher; Maternidade – Filhos; Maternidade – Mãe; Maternidade - Trabalho e Matrimônio (FIGURA 3). O único eixo despartado do eixo de fundo Maternidade – mas que não deixa de estar relacionado a ele, indiretamente - é o que se refere às relações das mulheres com seus companheiros. Oportunamente, o assunto será discutido.

Outra mudança significativa na reorganização temática dos eixos se concentrou naqueles até então designados como Família e Infância. Esses dois eixos desaguaram em um único novo eixo: Maternidade – Mãe. Isso ocorreu a partir da compreensão da pesquisadora de que, tanto em um quanto em outro eixo temático, era a figura da própria mãe que ressaltava nos relatos das mulheres. Às vezes, o pai era mencionado mas, quando isso ocorria, a sombra materna estava logo atrás. Isso também será abordado mais à frente.

Havia, agora, um eixo condutor de sentidos para as diversas falas das entrevistadas e esse eixo estava claro: o eixo da Maternidade. Mas, era necessário estabelecer outras conexões de significados, pois àquela altura, já era possível perceber que as falas separadas em feixes de significados também mantinham afinidades entre si. Essa proximidade dos feixes foi

clareada no momento mesmo em que a pesquisadora tomou a iniciativa de lançar mão novamente das cores diferentes para demarcar, em cada eixo temático, os feixes de significados.

2.7 OS FEIXES AMPLOS DE SIGNIFICADOS E A LÓGICA DE FUNCIONAMENTO DOS SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE

Mediante essa iniciativa, ficou demonstrado que os feixes se repetiam nos eixos temáticos e, de alguma forma, se encadeavam. Por exemplo: do Eixo Temático Maternidade – Gravidez, constava o feixe de significados composto pelas palavras-chaves Problemas – Medo – Desespero – Pavor – Padecimentos e Sacrifícios; no Eixo Temático Maternidade - Parto, estava presente um feixe de significados muito semelhante identificado pelas palavras – chaves Preocupação – Receio – Medo – Trauma – Decepção – Infortúnios; e do Eixo Temático Maternidade – Mulher, constava um feixe de significados representado pelas palavras - chaves Desespero – Frustração que, assim, ia na mesma direção. Esses feixes semelhantes presentes nos três eixos temáticos (Maternidade – Gravidez; Maternidade – Parto e Maternidade – Mulher) se fundiram no que a pesquisadora denominou de Feixe Amplo de Significados – Medo.

Outro caso: no Eixo Temático Maternidade - Gravidez, era possível identificar o feixe de significados relacionado às palavras-chaves Presente – Emoção. Algo parecido havia no Eixo Temático Maternidade – Parto com os feixes de significados Alegria – Emoção – Privilégio e Responsabilidade. Do Eixo Temático Maternidade – Mulher, constava o feixe formado pelas expressões: É bom ser mãe – A maternidade é uma dádiva, um privilégio – Só as mulheres

têm o privilégio de gerar – Menino é um presente de Deus – Eu sempre fui apaixonada por criança. E, no Eixo Temático Maternidade – Filhos, se encontrava o feixe de significados formado pelas frases: (Filho) é questão de amor mesmo - Amor de filho não se explica - Filho é uma questão de escolha e de amor. Os significados Presente – Emoção – Felicidade - Privilégio – Responsabilidade –Dádiva – Paixão – Amor se reuniram então sob o Feixe Amplo de Significados – Contentamento.

A pesquisadora verificou que havia um outro feixe de significados que transitava por mais de um eixo temático. Esse feixe foi nomeado amplamente de CONTINGÊNCIA. Trata-se de uma marca significativa e expressiva presente nos seguintes Eixos Temáticos: Maternidade - Gravidez [(A chegada da gravidez) Refaz os planos de vida – Reata o namoro terminado – (Faz a gente) Decidir casar ou juntar)]; Maternidade - Parto (Ninguém pensa no parto – Eu não pensava em parto, não - Pais não conversam sobre parto com as meninas – A informação do parto vem com a gravidez – Eu tento não me lembrar prá ter coragem de ter outro filho); Maternidade – Mulher [Nossa, e eu? Será que eu vou poder ter filho? - (Eu queria ser mãe) Só que eu sabia que eu não podia – Eu não pensava nisso, não. Eu pensei nisso depois – A maternidade não pode ser muito calculada – Não estava esperando e aconteceu – (Eu queria ser mãe) Mas sempre ia adiando (até que aconteceu)] e Maternidade – Filho (A gente tem que ter esperança – Com meu filho não vai acontecer nada de errado – Sonho com muitas coisas para eles – Eu não quero que minha filha seja o que eu fui – O sonho do filho perfeito).

A Contingência se delineava àquela altura da análise como o significado mais marcante, abrangente e decisivo encontrado nas falas das entrevistadas. Ele atravessa, como se pode observar acima, os discursos sobre a gravidez, sobre o parto, a maternidade em si e o filho. Em todas as vivências da maternidade expressas pelas mulheres, é possível constatar uma boa dose de imprevisibilidade do que está em jogo e do que está por vir quando o assunto é ser mãe.

No caso da Gravidez, essa Contingência é muito exacerbada e são variados os significados relacionados ao inesperado ou à surpresa: [Surpresa (Por) Estar grávida pela primeira vez – (Por estar recebendo certa) Distinção familiar – (Pela) Atenção especial do marido – (Porque) O marido achava que não era fértil – Os médicos me diziam que eu não poderia engravidar nunca – Agora eu já consigo aceitar – Acomodando-se à nova situação – É menina e eu queria menino – O pai queria um menino – Acreditando e desacreditando na possibilidade da gravidez – Saúde pior em relação à primeira gravidez – Agora é que está descobrindo o que é ser mãe – Marido menos carinhoso do que na primeira gravidez – Meu marido ficou diferente depois que eu engravidei – Um choque para a mãe quando da primeira gravidez – (Des) Informação sobre o assunto – Acidente]. Essa constatação fez a pesquisadora designar a SURPRESA como mais um Feixe Amplo de Significados.

Estava formada assim uma espécie de lógica de funcionamento dos significados da maternidade integrado por quatro feixes amplos de significados: Medo – Contentamento – Surpresa e Contingência. No entanto, desses quatro feixes amplos de significados, a Contingência tem uma natureza diferente dos

demais: ela não pode ser classificada como uma qualidade, tampouco um sentimento ou um sentido, como os outros feixes evidenciados – e, além disso, a Contingência é a característica que, nessa pesquisa, se mostra como aquela que estrutura grande parte do discurso das mulheres, conforme ficou evidenciado anteriormente. É assim que a Contingência assume, então, nessa pesquisa, um lugar diferenciado, capaz de engendrar pelo menos três feixes amplos de significados: Surpresa, Medo e Contentamento (FIGURA 4).

2.8 AS CATEGORIAS E AS SUBCATEGORIAS DA PESQUISA

Tomando como referência os parâmetros oferecidos pela análise de conteúdo (Dencker e Da Viá, 2002, p.153) da pesquisa qualitativa, os dados coletados e codificados até aqui, nessa pesquisa, já se encontravam, a essa altura, em ponto de serem categorizados, ou seja, condensados, classificados e organizados em sistemas de categorias que permitissem trazer à luz índices invisíveis ao nível dos dados brutos (Bardin, 2011, p. 149)

A Contingência da Maternidade se firma, portanto, como a primeira categoria de sentido dessa pesquisa, capaz de reunir sob a sua influência três subcategorias: Surpresa, Medo e Contentamento. Mas, embora se possa dizer que a lógica de funcionamento da maternidade (FIGURA 4) atravessa todos os discursos femininos dessa pesquisa em graus variados de significação, é também pertinente observar que ela não é suficiente para reunir nem organizar todos os sentidos oferecidos pelas falas das mulheres entrevistadas.

Ou seja, é possível detectar nessa pesquisa uma operacionalidade de significados para a maternidade - que aqui se chamou de lógica de

funcionamento da maternidade – estruturada pela categoria Contingência da Maternidade que ecoa, em maior ou menor grau, em uma vasta fatia de significados que saltam dos depoimentos das mulheres. Mas, para além da Contingência, da Surpresa, do Contentamento e do Medo elencados como os significados predominantes dos discursos femininos sobre a maternidade e eleitos como as primeiras categoria e subcategorias de sentido dessa pesquisa, as mulheres falam também que: - A maternidade é muito importante para mim - Depois que eu arrumei minha filha, mudou tudo - O meu ponto fraco são os meus filhos - Eu sempre me imaginei tenho um filho - Não me imagino não sendo mãe - A maternidade proporciona à mulher união, amadurecimento, humanidade – (A maternidade confere à mulher) Responsabilidade – (Com o filho) Parece que fechou um círculo – Um filho completa uma casa. (TABELA 1)

E mais: - Falta sempre algo à mulher que não é mãe - A mulher nasceu prá ser mãe e tudo mais – A maternidade faz a diferença na vida da mulher – Mulheres casadas normalmente querem ter filhos – Filho é uma coisa da mulher - Se eu não fosse mãe, eu seria uma pessoa totalmente frustrada - Se eu não gerasse um filho, eu me sentiria uma pessoa inútil (TABELA 1). Então, é possível depreender que a maternidade tem um lugar especial na vida das mulheres e que essa especialidade tem a ver com a condição feminina. É porque são mulheres que a maternidade lhes é peculiar e lhes faz tanto sentido.

Nesse mesmo enredo se incluem as declarações de uma entrevistada (E1) sobre a condição feminina de gerar um filho. Ela diz: - O nascimento é renúncia – A mulher precisa de passar (pela dor do parto) – A mulher se torna mais mulher (quando experimenta essa dor) – É próprio da mulher gerar/ É próprio

do homem prover. (TABELA 1) Ou seja, mais do que uma peculiaridade feminina, a maternidade portaria algo, então, de dom ou de vocação da mulher. Assim é que a segunda categoria de sentidos dessa pesquisa foi denominada de Vocação Materna da Mulher à qual estão relacionados três temas referenciados nas entrevistas de forma bastante nítida: O parto normal é sob medida para a mulher; A mãe é especialista em filho e O trabalho fora de casa pode esperar (FIGURA 5). Esses três temas estão atados ao significado amplo da vocação materna feminina na medida em que eles são lastreados por este, ou melhor, na base desses três temas, encontra-se o entendimento das mulheres sobre como e o quanto a maternidade lhes é importante e sobre o que elas, a partir dessa noção do que é ser mãe, consideram pertinente para elas e seus filhos. Esses três temas ganham, portanto, a condição de subcategorias da categoria Vocação Materna da Mulher.

Por outro lado, uma vez que as mulheres detêm um saber sobre o que é ser mãe - (Como deve ser) A mulher que quer ser mãe -, sobre o que é ser uma boa mãe – Sou uma boa mãe – e ainda vislumbram o modelo de mãe que tencionam seguir – A melhor mãe do mundo / A mãe coruja / A mãe amiga -, elas também se sentem aptas para afirmar que: - Nem toda mulher deve ser mãe; Nem toda mulher-mãe é especial; Às vezes, é difícil ser mãe; É possível ser feliz sem filho. (TABELA 1)

O avesso da vocação materna da mulher existe, asseguram essas mulheres. E elas lançam mão de suas próprias experiências como filhas de suas mães para explicar essa possibilidade: Minha mãe era uma mulher que não sabia cuidar de filhos – A mãe preferia o marido aos filhos – Minha mãe não ligava prá nada

– Cresci sozinha – Minha irmã foi minha mãe – A avó materna é a mãe de todos os netos. (TABELA 1)

Esse contraponto à noção de maternidade como vocação da mulher foi designado pela pesquisadora como uma outra categoria de sentido denominada A maternidade não é para todas as mulheres. A essa categoria estão vinculados dois temas que mantêm com ela uma relação política subversiva frente à posição dominante entendida como sendo a da maternidade enquanto vocação de vida da mulher. Esses dois temas foram intitulados de: O trabalho sem culpa e o Parto normal é assustador (FIGURA 6) que passam a se constituir como subcategorias da categoria A maternidade não é para todas as mulheres. São todas posições de enfrentamento do *status quo* feminino – materno. Sobre isso se falará oportunamente. Por enquanto, o que se pretende é apenas esclarecer o funcionamento da metodologia nessa pesquisa.

Com a configuração da lógica do funcionamento dos significados da maternidade baseada na Contingência, que assume o status de categoria de pesquisa e, depois, com a organização de duas outras categorias baseadas em duas noções básicas de maternidade que se opõem e, ao mesmo tempo, se complementam – A Vocação Materna da Mulher X A maternidade não é para todas as mulheres – espera-se ter obtido um entendimento amplo capaz de dar conta do conteúdo que se busca analisar nessa pesquisa.

Esses três eixos irradiadores de sentidos e significados para a maternidade detectados na análise das 20 entrevistas realizadas se constituem como um tripé de significados no qual se acomoda a maior parte do conteúdo das falas

das entrevistadas e, portanto, é deste tripé de sentidos que essa pesquisa deverá tratar nos capítulos que se seguem (FIGURA 8).

Com o propósito de representar a categoria “A Contingência da maternidade”, a pesquisadora elegeu o enunciado “A maternidade não pode ser muito calculada”. Esse enunciado, embora não tenha surgido com todas as letras, da fala de uma entrevistada, foi dito de várias formas por algumas mulheres e, mais especificamente, pela entrevistada E1. A categoria “Vocação Materna da Mulher” pode se fazer representar na expressão “A mulher nasceu ser mãe – e tudo mais” (E6). E, quanto à categoria “A Maternidade não é para todas as mulheres” a frase “Nem toda mãe é especial (E10)” pode representá-la. (FIGURA 9)

Certamente que os enunciados escolhidos para representar as três categorias dessa pesquisa poderiam ser outros. Há outras falas que se encaixam perfeitamente dentro das categorias propostas. Afinal, nem poderia ser diferente, uma vez que uma categoria só se sustenta como tal na medida em que ela acolhe várias enunciações.

Quanto ao Eixo Temático Matrimônio, detectado lá no início da análise do material e, depois, reafirmado quando da reformulação dos eixos, o que se pode dizer é que o tema costuma render assunto entre as mulheres e elas demonstram possuir um saber a seu respeito. No entanto, trata-se de um viés do discurso feminino que, nessa pesquisa, se manteve à parte dos demais feixes de significados. (FIGURA 7)

O matrimônio em si – designação que aqui engloba todos os tipos de convivência a dois, sob o mesmo teto -, conforme figurou nas falas das mulheres, pouco interfere em suas vivências e afetos maternos. Entretanto, o companheiro ao qual elas estão ligadas é capaz, sim, de as fazerem desejar um novo filho, bem como de dar o tom de suas experiências na gravidez, no parto, e, depois, como mães. Assim, o fato de algumas mulheres estarem com novos companheiros e elas demonstrarem que esses relacionamentos são bem mais satisfatórios que os anteriores, lhes garantem um estado de saúde mental e emocional muito favorável à experiência materna.

Por exemplo: a gravidez é considerada um presente porque, entre outros fatores, as mulheres alegaram ter um novo companheiro. Elas também ficaram positivamente surpresas com a gravidez porque, entre outros motivos, o marido achava que não era fértil ou elas estão recebendo deles uma atenção especial. Algo que as preocupam, no processo de gravidez, é o fato de o marido querer um menino e elas estarem grávidas de uma menina – ou vice e versa. Por sua vez, o marido também pode ser o foco das preocupações e problemas da mulher gestante. Algumas entrevistadas relatam a indiferença do parceiro nesse momento, a pouca atenção recebida e a vontade de receber um cuidado maior por parte do marido. Tais circunstâncias costumam desencadear sentimentos de decepção e tristeza nas mulheres grávidas (TABELA 1).

De forma que, para efeito de análise dos resultados das entrevistas dessa pesquisa, o eixo temático Matrimônio será elencado basicamente quando este tratar do quesito marido e os depoimentos a ele referentes forem significativos

para a interpretação e o entendimento de uma das três categorias estabilizadas nessa pesquisa.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo (SP): Edições 70, 2011.

BAUER, M. W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – Um manual prático. 7ª. ed. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2008.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DENCKER, A. F. M. e DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas** (com ênfase em comunicação). 2ª Ed, São Paulo (SP): Futura, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3ª. ed.. Porto Alegre (RS): Artmed, 2009.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. **A construção do saber** – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG: Porto Alegre (RS): Artmed Editora, 1999.

MELLA, O. **Naturaleza y orientaciones teórico-metodológicas de la investigación cualitativa**. Publicado na internet em 1998. Acesso em 17 de setembro de 2012.

MONTAGNER, M. A. **Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana**. In: Sociologias no. 17. Porto Alegre Jan/June 2007.

A MATERNIDADE NÃO PODE SER MUITO CALCULADA: UM PONTO DE VISTA DAS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS²³⁴⁵⁶

LA MATERNIDAD NO PUEDE SER MUY CALCULADA: UN PUNTO DE VISTA DE LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÂNEAS

MOTHERHOOD MAY NOT BE COMPLETELY FORESEEN: A POINT OF VIEW OF CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Autora principal: **Maria Amélia Tostes Filgueiras Campos** – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. mameliatostes@uol.com.br

Endereço residencial: Rua Aimorés, no. 156, apto. 1402, bairro Funcionários
30.140-070 - Belo Horizonte, Minas Gerais. Tels: (31) 3225-0127/ 8888-7755

Co-autor 1: **Joaquim Antônio César Mota** – Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG. jacmota@medicina.ufmg.br

Co-autora 2: **Rosa Maria Quadros Nehmy** – Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da UFMG. rosaq@uol.com.br

² Trabalho baseado na pesquisa de tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG.

³ O trabalho é inédito e a revisão de literatura não aponta nenhuma relação estabelecida em pesquisas anteriores entre a mulher comum e a maternidade, a razão moderna e a contingência, como a que aqui se desenvolve. Um documento suplementar foi enviado em separado, em 30 de outubro, à Revista Interface, tratando do assunto.

⁴ A pesquisa da qual trata este artigo foi aprovada pelo Coep da UFMG e o número do processo é **0478.0.203.000-09**.

⁵ Os co-autores atuaram em todas as etapas de produção do manuscrito.

⁶ Avaliadores sugeridos: Professor Roberto Assis Ferreira (tel: 31- 9977-1832/ 3273-0770 – email: robassisf@uol.com.br) e Professora Cristiane de Freitas Cunha (tel: 31- 8797-2046 – email: cristianedefreitascunha@gmail.com)

A MATERNIDADE NÃO PODE SER MUITO CALCULADA: UM PONTO DE VISTA DAS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS

LA MATERNIDAD NO PUEDE SER MUY CALCULADA: UN PUNTO DE VISTA DE LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÂNEAS

MOTHERHOOD MAY NOT BE COMPLETELY FORESEEN: A POINT OF VIEW OF CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Resumo

A maternidade é ainda um enigma a ser desvendado. O objetivo da pesquisa foi o de compreender o significado da maternidade para as mulheres comuns contemporâneas. Realizou-se pesquisa qualitativa utilizando a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados, e a análise de conteúdo para o tratamento das informações. Os resultados revelaram que ser mãe é o fato mais importante na vida dessas mulheres, mas que a maternidade só se traduz em uma experiência para elas se escapar ao cálculo. Assim, as mulheres comuns contemporâneas decidem ser mães porque menosprezam a lógica da razão moderna, valorizam a contingência e situam a experiência materna como algo extra-ordinário. As mulheres dessa pesquisa acabam por explicitar um discurso amoroso e transcendente sobre a maternidade que se contrapõe a um contexto social regido pelo planejamento, pela técnica e pelo consumo.

Palavras-chaves: Mulheres. Gestantes/psicologia. Mães/psicologia. Relações Mãe-Filho. Acontecimentos que Mudam a Vida.

A MATERNIDADE NÃO PODE SER MUITO CALCULADA: UM PONTO DE VISTA DAS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS*

LA MATERNIDAD NO PUEDE SER MUY CALCULADA: UN PUNTO DE VISTA DE LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÂNEAS

MOTHERHOOD MAY NOT BE COMPLETELY FORESEEN: A POINT OF VIEW OF CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Resumen

La maternidad todavía es un enigma a ser aclarado. El objetivo de la investigación fue comprender el significado de la maternidad para las mujeres comunes contemporáneas. Fue realizada investigación cualitativa utilizando la entrevista semiestructurada para la colecta de datos, y el análisis de contenido para el tratamiento de las informaciones. Los resultados revelaron que ser madre es el hecho más importante en la vida de esas mujeres, al tiempo que la maternidad solamente se traduce en una experiencia para ellas, si se escapa al cálculo. Así, las mujeres comunes contemporáneas deciden hacerse madres porque menosprecian la lógica de la razón moderna, valoran la contingencia y sitúan la experiencia materna como algo extra-ordinario. Las mujeres de esa investigación terminan por tornar explícito un discurso amoroso y trascendente sobre la maternidad que se contrapone a un contexto social regido por el planeamiento, por la técnica y por el consumo.

Palabra-llaves: Mujeres. Mujeres Embarazadas/psicologia. Madres/psicologia.

Ralaciones Madre-Hijo. Acontecimientos que Cambian la Vida.

A MATERNIDADE NÃO PODE SER MUITO CALCULADA: UM PONTO DE VISTA DAS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS*

LA MATERNIDAD NO PUEDE SER MUY CALCULADA: UN PUNTO DE VISTA DE LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÁNEAS

MOTHERHOOD MAY NOT BE COMPLETELY FORESEEN: A POINT OF VIEW OF CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Abstract

Motherhood is still a puzzle to be solved. The objective of this research was to understand the meaning of motherhood for contemporary ordinary women. Qualitative research was conducted using semi-structured interviews to collect data, and content analysis was employed to process the information. Results revealed that being a mother is the most important fact in the lives of these women, but motherhood is only translated into an experience for them if it escapes their calculation. Thus, contemporary ordinary women decide on becoming mothers because they underrate the logic of modern reason, valuing contingency, and they place maternal experiences as something extra-ordinary. The women of this research ultimately explain a loving and transcendent speech about motherhood that contraposes with a social context governed by planning, technique and consumption.

Keywords: Women. Pregnant Women/ psychology. Mothers/ psychology. Mother-Child Relations. Life Change Events.

INTRODUÇÃO

A pesquisa na qual este artigo se baseia trata da maternidade para as mulheres comuns contemporâneas. A contemporaneidade aqui se inscreve no tempo cronológico – de forma que ela tem a ver com a atualidade ou com o nosso tempo – mas também leva em conta a noção de que o contemporâneo aciona “uma relação especial entre os tempos”, permitindo um encontro de épocas, relacionando, evocando e revitalizando “aquilo que tinha até mesmo declarado morto”, como é o caso da “moda”. (Agamben, 2010, p. 66 -71)

Além de contemporâneas, as mulheres dessa pesquisa são mulheres comuns. Elas são comuns na proporção inversa “às chamadas pessoas do mundo” ou às que “já nasceram com fortuna, mais ou menos brilhante, mais ou menos opulenta” (Châtelet, 2002, p.7) para quem Madame du Châtelet, no século XVIII, dirigira o seu *Discurso sobre a Felicidade*.

O alvo dessa pesquisa são mulheres que lutam para garantir a sua sobrevivência e a de sua família e que, portanto, se ocupam dos aspectos básicos da vida. Elas não podem ser consideradas as “pessoas do mundo” de Châtelet, tampouco se parecem com um tipo bem atual de pessoas: as celebridades midiáticas.

A “cultura da mídia” que, através de imagens, sons e espetáculos urde o tecido da vida cotidiana, modelando comportamentos e forjando identidades (Kellner, 2001, p.9) faz da sociedade contemporânea uma sociedade “regida pela midiaticização” (Sodré, 2006, p.20), de tal forma que “não podemos escapar

à mídia” e ela é “onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência cotidiana”. (Silverstone, 2002, p.9-21)

É quase impossível se pensar em alguém célebre, hoje, que não tenha merecido a atenção da mídia ou cuja condição de celebridade não tenha sido produzida pela cultura da mídia. As celebridades contemporâneas, nesse sentido, são sempre midiáticas. São os novos “olimpianos”, os quais possuem uma dupla natureza: divina e humana. Ao mesmo tempo em que são “sobrehumanos no papel que eles encarnam”, são “humanos na existência privada que eles levam”. A cultura de massa, por um lado, dota os “olimpianos” de um “papel mitológico”, e, por outro, escancaram suas vidas privadas “a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação” com o homem comum. (Morin, 2005, p. 105-107)

As celebridades produzidas e veiculadas pelos media são, assim, o contraponto do homem comum, ordinário. É para esse homem comum que as celebridades midiáticas se exibem e é esse homem comum que as reconhece, as ama, as imita, as elege como seus ídolos e como seus mitos. É porque existe o homem comum que existem as celebridades e vice-versa.

As mulheres dessa pesquisa nada têm de célebres ou famosas; elas não são estrelas com vidas repletas de lazer, de espetáculo, de amores, de luxo. Elas não são clicadas pelas câmeras dos *paparazzi*, tampouco servem de modelo para a vida de alguém. São elas as mulheres que folheiam as revistas que narram as epopéias modernas dos famosos; são elas as mulheres que consomem a estética e a *práxis* da cultura de massa. Essas mulheres que se encontram no avesso das celebridades, que representam a maior parte da

nossa sociedade e que, na condição de não famosas, se parecem com muitos de nós, são as mulheres comuns contemporâneas dessa pesquisa.

Com o propósito de conhecer como as mulheres comuns contemporâneas vivenciam subjetivamente a maternidade foi realizada a pesquisa na qual se baseia este artigo. As mulheres, atualmente, se relacionam ampla, diversa e criativamente com a vida pública e social. Muito há para se estudar e investigar sobre elas e as formas como elas lidam com o seu entorno, mas essa pesquisa elegeu a maternidade como alvo de interesse porque parte da noção de que “a maternidade é o grande caso das mulheres” (Perrot, 2007, p. 68)

MÉTODO

Estratégias de análise do objeto de estudo

Para essa pesquisa, foram entrevistadas um total de 20 gestantes com no mínimo 28 semanas gestacionais, usuárias do Ambulatório do Serviço de Pré-Natal do complexo do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais - um Hospital de ensino e de referência do Sistema Único de Saúde

Como perfil sócio-econômico das entrevistadas, pode-se dizer que elas sobrevivem com uma renda familiar que varia de um a três salários mínimos atuais⁷ e possuem níveis diferenciados de escolaridade que vão do ensino fundamental incompleto ao médio completo. Poucas possuem um curso técnico

⁷ O valor do salário mínimo, no Brasil, hoje, é de R\$ 620,00.

profissionalizante e as que o possuem nem sempre atuam no mercado de trabalho com a sua profissão. São donas-de-casa, na maior parte, habitam a periferia de Belo Horizonte (Minas Gerais) e vivem, muitas delas, ou com um orçamento garantido pelo companheiro ou com o apoio da família de um dos membros do casal.

Todas as entrevistadas eram classificadas no Serviço como de risco habitual, isto é, não pertenciam a nenhum grupo médico de atenção especial, e a sua quantificação ocorreu de acordo com os critérios qualitativos de saturação. (Mella, 1998, p.19; Bauer, 2008, p.59) As entrevistas foram aplicadas pessoalmente pela pesquisadora, nas dependências físicas do Ambulatório, entre os meses de abril e setembro de 2010.

A decisão de realizar as entrevistas com mulheres de idade gestacional igual ou superior a 28 semanas, que aguardavam para se tornar mães pela primeira ou por mais uma vez, objetivava encontrar as mulheres com uma gravidez mais consolidada e madura. A hipótese era de que, a essa altura, com a formação completa do bebê se aproximando do final, a idéia do filho para a gestante estivesse mais bem organizada, com afetos e expectativas mais definidos e em condições de ser melhor percebidos.

Antes das entrevistas serem iniciadas, as participantes da pesquisa liam, concordavam e assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas perseguiram o modelo qualitativo descrito como do tipo individual e em profundidade (Laville e Dionne, 1999, p. 32 e 33), e sempre eram iniciadas a partir de uma pergunta geradora de narrativa (Flick, 2009, p.165), a saber: “o que você poderia me dizer sobre o seu momento de vida

atual?” ou “eu gostaria que você me falasse de como está a sua vida, hoje”, ou ainda: “eu gostaria que você me falasse daquilo que é mais importante para você, hoje”.

Através de uma dessas três intervenções iniciais, buscava-se situar o começo da narrativa nas imediações do tempo presente e, concomitantemente, conhecer o foco das atenções atuais da gestante, com o propósito de perceber se a gravidez, o parto e a maternidade em geral faziam parte desse seu universo de importância.

Os eixos temáticos e seus significados

Na busca por identificar e estabilizar os feixes comuns de discursos (Montagner, 2007) e tomando como referência os parâmetros oferecidos pela análise de conteúdo da pesquisa qualitativa (Dencker e Da Viá, 2002, p.153), foram elencados, inicialmente, oito blocos discursivos que se consolidaram em oito eixos temáticos: gravidez, parto, maternidade, filhos, família, trabalho, infância e matrimônio. Desse universo de temas, os quatro primeiros eixos foram abordados por todas as vinte entrevistadas.

No discurso compartimentado pelos eixos temáticos, foram distinguidas palavras-chaves ou frases inteiras que anunciavam os primeiros significados das falas das mulheres, os quais, na medida em que vinham à tona, demonstravam a sua condição de serem reagrupados em “feixes de trajetórias comuns”. (Montagner, 2007)

Os feixes de significados

A partir da listagem dos significados encontrados em cada eixo temático, foi possível juntá-los em feixes, de forma que, no eixo temático “gravidez”, por exemplo, foram definidos os feixes: “presente”, “surpresa”, “emoção ímpar”, “desespero”, “medo”, “problema”, “pavor”, “padecimentos e sacrifícios”, “acidente”, “novos planos de vida”, “reatamento do namoro terminado”, “casamento-juntamento”, “sem vergonha de estar grávida”, “desinformação-informação”.

No momento da identificação dos feixes de significados, emergiu uma nova percepção do conjunto de falas das entrevistadas: elas falavam sempre a partir do mesmo referencial: o referencial da maternidade. De forma que, daquele momento em diante, os oito eixos temáticos identificados no início do trabalho de análise foram reformulados e ganharam novas nomenclaturas: maternidade-Gravidez; Maternidade-Parto; Maternidade-Mulher; Maternidade-Filho; Maternidade-Mãe e Maternidade-Trabalho. Ao invés de oito temas, a nova organização discursiva passava a contar agora com seis eixos temáticos.

Os feixes amplos de significados

A utilização da demarcação textual com cores diferentes fez surgir repetições e semelhanças entre os feixes de significados, possibilitando o que foi denominado de feixes amplos de significados. Exemplificando: do eixo temático “Maternidade-Gravidez”, constava o feixe de significados composto pelas palavras-chaves “problemas; medo; desespero; pavor; padecimentos e sacrifícios”. No eixo temático “Maternidade-Parto”, havia um feixe de significados muito semelhante identificado pelas palavras-chaves “preocupação; receio; medo; trauma; decepção; infortúnios”. O eixo temático

“Maternidade-Mulher”, por sua vez, incluía um feixe de significados representado pelas palavras-chaves “desespero e frustração”

A reunião dos feixes de significados em torno de sentidos similares, resultou, inicialmente, em quatro feixes amplos de significados. O primeiro exemplificado acima foi denominado de “medo”. Seguindo o mesmo modelo, foram identificados ainda os feixes amplos de significados “contentamento”, “surpresa” e “contingência”.

Uma lógica de funcionamento dos significados da maternidade

Dentre os feixes amplos de significados caracterizados até aquele momento, a “contingência” se delineava como o significado mais marcante, abrangente e decisivo encontrado nas falas das entrevistadas. Ele atravessava todas as narrativas das mulheres sobre gravidez, parto, filhos e a maternidade em geral. Ou seja, ele forrava o campo de significação dos enunciados das mulheres sobre a maternidade e, portanto, ele não se encontrava no mesmo patamar dos demais. A “contingência” estava, hierarquicamente, acima dos outros feixes amplos de significados a ele relacionados.

Essa constatação resultou na proposta de uma espécie de “lógica de funcionamento dos significados da maternidade” integrada por quatro feixes amplos de significados: “surpresa, medo, contentamento e contingência” de forma que a “contingência” estaria no centro dos demais feixes citados, numa posição de alavancador, engendrador e estruturador desses três outros feixes.

Categoria de pesquisa

É assim que a “contingência da maternidade” se firma como a primeira categoria de sentido dessa pesquisa (Bardin, 2011, p. 149) capaz de reunir sob a sua influência três tipos de sentimentos – “surpresa, medo e contentamento” – cujo conjunto recebeu a denominação de “lógica de funcionamento dos significados da maternidade”, dada a sua condição de ocorrer sempre nas mesmas circunstâncias e nos mesmos momentos e fases da gestação, com vistas a se prolongar no parto e, de certa forma, nas expectativas que as entrevistadas têm sobre a criação e educação dos filhos.

Certamente que cada mulher faz funcionar a sua “lógica” de um jeito próprio. Umas têm mais medo do parto do que outras; umas se surpreenderam com a gravidez de uma forma entusiasmada e gratificada, outras com decepção ou preocupação; umas estão alegres por estarem grávidas de uma menina, outras porque estão grávidas de seu novo parceiro amoroso; enfim, as motivações que alimentam essa “lógica” são variadas, mas é possível afirmar que esses três sentimentos – “surpresa, medo e contentamento” – alavancados pela noção de contingência da maternidade estão presentes em todas as narrativas das mulheres dessa pesquisa, quando elas tratam de gravidez, parto, filhos e da experiência materna em geral.

Mais duas categorias foram identificadas nessa pesquisa: a da “vocação materna” e a de que “a maternidade não é para todas as mulheres”. Ambas estão assentadas na condensação dos feixes amplos de significados, ou seja, no mesmo processo que resultou na formulação da primeira categoria dessa pesquisa, a da “contingência da maternidade”, a qual é alvo de discussão neste artigo.

DISCUSSÃO

A lógica materna transcende a razão

“A maternidade é muito importante para mim” (E1)⁸. As mulheres dessa pesquisa elegem a maternidade como o aquilo que confere sentido a sua vida, no entanto, elas estão convencidas de que a maternidade “não pode ser muito calculada”, isto é, a maternidade não é uma opção que a mulher deve colocar na “ponta do lápis” nem deve ser raciocinada em “tim-tim por tim-tim” (E1), sob o risco de ser descartada. A maternidade seria uma escolha que a mulher faz “por amor ao outro”, esquecendo os dissabores e as dificuldades impostas pela vida ordinária: “violência, drogas, política” (E1), isto é, menosprezando os riscos que ela conhece e sabe que enfrentará ao se lançar na empreitada materna.

“Se eu fosse pensar bem a fundo, eu não seria mãe, não”. (E7) Não pensar ou não pensar demais ou não pensar de determinada forma se constituiria na chave para a mulher decidir-se pela maternidade, então. A lógica materna, no vigor do século XXI, passaria ao largo da razão, essa mesma razão que a modernidade fez triunfar sobre o sujeito, soterrando “o mundo encantado da magia dos sacramentos” e criando a idéia de sociedade para preencher “o vazio deixado pela negação da idéia de alma e de Deus”. (Touraine, 2002, p. 38)

A maternidade como uma experiência fora do calculável estaria no campo da ambivalência, da dissonância, da imprecisão, da imprevisibilidade,

⁸ As 20 entrevistadas são citadas mediante a identificação E1, E2, E3 e assim por diante.

da contingência⁹, enfim, esse “outro do intelecto moderno”. O que foge ao projeto corresponde ao “caos, o outro da ordem” da existência moderna que é assim nomeada especificamente “na medida em que é produzida e sustentada pelo (...) planejamento”. Ao subestimarem o cálculo para se tornar mães, as mulheres dessa pesquisa estariam subvertendo a ordem da existência moderna que privilegia a precisão, suspeita da indefinição e desqualifica o acaso em favor da certeza. (Bauman, 1999, p. 15-17)

A mulher não pode se deixar levar pelo pensamento de “como vai ser o mundo do seu filho daqui a alguns anos”; ela não pode se preocupar com o conforto material que “ela vai poder oferecer a ele”. Para ser mãe, é necessário estar “consciente das dificuldades de se criar um filho”, mas “ter esperança” e apostar que “com o meu filho, vai ser diferente”; que “existem, sim, crianças envolvidas com drogas, mas, de repente, o meu filho, não!” (E1)

A maternidade que no entendimento dessas mulheres “não pode ser muito calculada”, estaria na contramão da modernidade marcada pelo privilégio do “controle” e do “planejamento”, como explica Bauman (1999, p. 15-17), mas, ao mesmo tempo, se ampara em valores dessa mesma modernidade como “amor”, “solidariedade”, “esperança” – a Revolução Francesa, no final do século XVIII, alardeava ao mundo os princípios de “liberdade, igualdade e fraternidade” – os quais, na contemporaneidade, sob a égide do “consumo”, da

⁹ O termo contingência é utilizado aqui no sentido do repertório ordinário de “acaso”, “imprevisto” e “acidente”. (HOUAISS, 2001, p. 818)

“alienação radical”, da “lógica da mercadoria” e do “fim da transcendência” (Baudrillard, p. 205-206) perderam muito do seu vigor.

As mulheres dessa pesquisa levam uma vida dura – econômica e emocionalmente falando. A maioria delas usufruiu de um passado sofrido pela falta de amparo, pelo pouco cuidado e pelo escasso suporte afetivo da parte de seus genitores, especialmente de suas próprias mães. Esse currículo de sofrimentos e percalços familiares, somado à anterior e atual precária condição financeira com a qual grande parte das entrevistadas convive¹⁰, explicam de certa forma por que essas mulheres têm que superar a sua própria história para se tornarem mães. Existiria então uma realidade social e particular que a mulher comum deveria ultrapassar e afastar para que ela seja mãe.

Mas, se é possível deduzir que essas mulheres são mães porque esquecem a sua realidade ordinária e menosprezam a objetividade e a ordenação próprias da razão, também se pode constatar que elas fazem da maternidade uma atitude de generosidade para com a vida; elas apostam em um mundo melhor, numa perspectiva amorosa, ou seja, elas inserem a maternidade no discurso amoroso, uma vez que “se ama quando se contribui para o mundo” e o amor é dado a “cuidar e preservar”, expandir-se para o que está “lá fora” numa espécie de “rede lançada sobre a eternidade”. (Bauman, 2004, p. 24-25)

¹⁰ Das 20 entrevistadas, sete tinham empregos fixos quando engravidaram pelos quais recebiam, mensalmente, entre 1 e 1 ½ salário mínimo. Desse universo de trabalhadoras, duas já acenavam com a interrupção do trabalho até que os filhos que elas esperam se tornem mais independentes. As demais entrevistadas dependiam dos salários dos seus companheiros e não pensam em trabalhar antes de ver seus filhos crescidos. De acordo com o que foi informado, essas mulheres vivem com uma renda familiar mensal que vai de um a quatro salários mínimos.

Essa imbricação entre amor e maternidade trazida pelas mulheres comuns contemporâneas atualiza o discurso da profetisa Diotima de Mantinéia a Sócrates, no *Banquete* de Platão, em que ela lhe explica que o amor consiste em “gerar e parir na beleza”. (Platão, 2006, p. 79) Assim, o amor estaria na essência da gestação e da procriação, ou seja, no fundamento da maternidade e tanto um como outra pertenceriam à lógica da transcendência, isto é, daquilo que é pertinente ao ser humano e que lhe permite “acrescentar algo ao real” na forma de “abertura”, “potencialidade” e “utopia”. (<http://www.youtube.com/watch?v=2ktoHzeWQps>)

A “gravidez-acontecimento” e o “parto-esquecimento”

“Filhos são uma questão de decisão; não um acidente, em nossa época”. (Bauman, 2004, p.60) A afirmativa de Bauman não se encaixa no modo como as mulheres dessa pesquisa costumam ser apresentadas à gravidez. Elas se referenciam à gravidez como algo que “acontece” em sua vida, ou seja, como algo que emerge ao nível de sua realidade ordinária, alterando-a abruptamente, sem que elas saibam até que ponto elas concorreram para tanto ou se o acontecimento, dada a sua importância e sua grandiosidade, ultrapassasse a si próprias e, portanto, não dependesse somente de sua vontade.

A gravidez, nessa pesquisa, era o “aqui” e o “agora” das mulheres – “o ‘aqui’ de meu corpo e o ‘agora’ de meu presente”, que, na vida cotidiana, é o “*realissimum* de minha consciência”. (Berger e Luckmann, 1999, p. 39-40) Essa realidade absoluta é por elas tratada como um fato que “acontece” para além de sua vontade, o que de certa forma é coerente com a idéia de uma

maternidade que “não pode ser muito calculada”. Assim, se a mulher não deve raciocinar demais para ser mãe, a gravidez também não teria como fugir do imprevisível e da contingência.

A gravidez “acontece” para essas mulheres na medida em que “eu não queria engravidar, não, mas, aí, aconteceu” (E11), “nada saiu como eu planejei” (E12), “foi um acidente” (E15), “não era para acontecer, agora” (E16), “nós nem íamos ter mais filhos!” (E17), “a gente nunca sabe o dia de amanhã!” (E18). Elas se colocam diante do acontecimento da gravidez como alguém que sofre o impacto da lógica contingencial da vida e, portanto, como vítima e objeto do acaso.

Por outro lado, ao designarem a gravidez como algo que “acontece”, as mulheres deslocam a maternidade da ordinariedade da vida e a elegem como alguma coisa especial, condizente com um acontecimento que não se restringe ao que acontece, mas que está representado “naquilo que acontece”. (Deleuze, 2006, p. 152) Diante do universal que permeia toda a experiência humana, essas mulheres recortam, selecionam e nomeiam aquilo que para elas é um acontecimento e, assim procedendo, as mulheres comuns se tornam sujeito desse acontecimento.

Embora as mulheres dessa pesquisa argumentem a favor de uma gravidez que lhes chega como uma manobra do destino e que, assim, “acontece” como acidente, não é exatamente na condição de vítimas do acaso que essas mulheres se tornam mães, mas, sim, como sujeitos que, em várias oportunidades, afirmam: “eu sempre me imaginei tendo um filho” ou “eu quero ser a melhor mãe do mundo”.

A “gravidez-acontecimento”, então, teria duas dimensões para essas mulheres: a da contingência que “acontece” casual e imprevisivelmente, e a da concretização da maternidade não calculada, que “acontece” porque é almejada, sonhada, imaginada. De forma que a mulher, ao engravidar, ela é e não é sujeito desse acontecimento. Ao mesmo tempo em que ela concorre para a sua gravidez – porque sempre se imaginou mãe – ela demonstra não saber até que ponto ela de fato é senhora desse acontecimento. Ela sente que há algo que lhe escapa – que é da ordem do imprevisto – e que, portanto, está para além do seu alcance. Por isso ela diz que a gravidez “acontece”.

Enquanto a gravidez “acontece” para as mulheres dessa pesquisa, o parto, pela dor que acarreta e o medo que desperta, deve ser menosprezado ou esquecido pela consciência, como um “parto-esquecimento” – “eu tento não me lembrar para ter coragem de ter outro filho” (E15). O parto normal é visto como o que traz um sofrimento episódico para a mãe, no instante de dar à luz, ao contrário do parto cirúrgico, cuja recuperação, também dolorosa, tende a se prolongar após o nascimento do bebê.

“Ninguém pensa no parto” (E19). Tal afirmativa não é válida para todas as mulheres dessa pesquisa até porque a maioria delas pensa no parto – principalmente nas proximidades de sua ocorrência – como algo que lhes desperta medo e ansiedade – de que “alguma coisa errada aconteça nessa hora” (E5). É possível afirmar, no entanto, que se trata de um pensamento do qual elas querem se manter o mais afastadas possível.

Tal como a maternidade é uma opção que a mulher deve fazer sem cálculo ou para além da razão, o parto é entendido pelas mulheres dessa

pesquisa como o preço que a vida lhes cobra para ser mãe: “a mulher tem que passar pela dor do parto para se sentir mais mulher” (E1). Um preço, contudo, que deve ser relativizado pela mulher em nome do privilégio feminino da maternidade, pois a idéia é de que “um filho compensa” (E15) qualquer sacrifício e que ser mãe “faz a diferença na vida de uma mulher” (E1).

A “gravidez-acontecimento” e o “parto-esquecimento” compõem a lógica de uma maternidade que estaria para além da razão e para além da ordinariedade da vida, ou seja, algo do extra-ordinário, especial, que por um lado desorganiza e subverte o cotidiano da mulher, mas, que por outro, a arrebatada pela importância que esta lhe confere.

O cotidiano e a maternidade extra-ordinária

Biologicamente, a gravidez modifica cada porção e cada célula do organismo materno. O útero cresce entre 500 a mil vezes de seu tamanho normal; o volume sanguíneo liberado pelo coração aumenta 22%, o volume de sangue nos vasos aumenta 50%, a quantidade de hormônios se multiplica de maneira extraordinária, os depósitos de ferro e cálcio no organismo diminuem e cada vez que uma grávida respira e inspira, ela mobiliza 39% a mais de ar. Juntam-se a essa verdadeira revolução biológica materna uma variedade ampla de alterações psíquicas e emocionais, as quais estão relacionadas com as novidades funcionais do organismo feminino, especialmente com o incremento fabuloso de hormônios, responsáveis, entre outras coisas, pelo humor, pelo sono e pelo peso corpóreo da mulher grávida. (Sebastiani, 2011, p.31)

No caso das mulheres dessa pesquisa, a gravidez-acontecimento, em função dos aspectos de imprevisibilidade e surpresa, desencadeia, além de modificações biológicas, atitudes e comportamentos característicos, alterando, invariavelmente, planos e rumos de vida. De tal forma que namoros casuais são transformados repentinamente em parcerias fixas ao estilo matrimonial; estudo e trabalho são interrompidos e lançados para um futuro sem prazo; concursos são adiados para um dia sem data; arranjos habitacionais são organizados na tentativa de remediar a nova situação; certos laços afetivos são desfeitos - pais deixam de falar com as filhas, por exemplo - e outros são estreitados – a mulher se volta para a família do novo companheiro ou para a companhia de uma avó, para citar os fatos mais corriqueiros.

Sempre que um “problema” se apresenta ao fluxo normal e contínuo da rotina do homem comum, “a realidade da vida cotidiana procura integrar o setor problemático dentro daquilo que já é não-problemático”. (Berger e Luckmann, 1999, p.42) Todas as mulheres dessa pesquisa, ao se descobrirem grávidas, apresentam um nítido movimento no sentido de recompor a vida ordinária e tal intento se realiza basicamente através de dois caminhos: o da resignação – “depois que a gente se acostuma, não é assim tão ruim” (E11) – e o da “emoção ímpar” (E3) que faz com que essas mulheres passem a considerar a sua gravidez “um presente” (E1).

Ambos os caminhos, embora se diferenciem um do outro no momento imediatamente após a surpresa e o arrebatamento proporcionados pela notícia da gravidez-acontecimento, acabam por se entrelaçarem, ao longo do processo gestacional, sob o discurso de que ser mãe é alguma coisa de muito “especial”

que “Deus confere apenas às mulheres”, cabendo-lhes se alegrarem diante da “dádiva” materna. (E17)

Envaidecidas com a sua capacidade de gerar – “saber que o filho foi gerado dentro de você! Isso é tão bonito!” (E11) – e convencidas de que essa é uma peculiaridade do feminino – “só as mulheres têm esse privilégio!” (E6) – essas mulheres tendem a minimizar a desorganização protagonizada pela gravidez-acontecimento em suas vidas ordinárias e acabam por incorporar a maternidade a sua realidade.

Da mesma forma que a gravidez-acontecimento irrompe na vida das mulheres, lhes impelindo a acomodá-la à normalidade cotidiana, percebe-se que, no final do processo gestacional, na proximidade do parto, surge novamente uma ansiedade nas mulheres para que o bebê nasça e elas possam recuperar a antiga rotina - aquela que elas tinham antes da gravidez -, o mais rápido possível.

Em função principalmente dessa demanda pela retomada da realidade de antes – a que elas perderam quando ficaram grávidas - as mulheres dessa pesquisa, em sua quase totalidade, optam pelo parto normal. A escolha desse tipo de parto tem a ver também com o entendimento de que ele é “o mais apropriado para a mulher e para o bebê” (E10) e com a idéia de que “o corpo da mulher já foi feito para o parto normal” (E3), mas o fator prático por elas argumentado em favor do parto normal se sustenta especialmente na recuperação mais rápida da mulher para retomar a sua rotina de vida: “eu quero ir para a casa o mais rápido possível” (E11).

Uma lógica de afetos maternos: surpresa, medo, contentamento

O cotidiano é sempre implacável porque ele é a “realidade por excelência”, uma realidade “coerente”, “ordenada”, “evidente por si mesma” e “compulsória” da qual não é possível escapar ou duvidar, apenas apreendê-la. A realidade cotidiana é a mais “certa” e “real” de todas as “outras realidades” e, uma vez que ela é estruturada temporalmente – pois, a “temporalidade é uma propriedade intrínseca da consciência” –, os fatos também se organizam em função do tempo ordinário. (Berger e Luckmann, 1999, p. 35-45)

A gravidez e o parto podem ser entendidos como ocorrências temporais que interferem na rotina da mulher como algo “problemático” – no sentido de fora do comum e do ordinário – mas que acabam por serem assimilados pelo seu cotidiano, seja na forma de aceitação e valorização, como no caso da gravidez; seja na forma de esquecimento e superação, como no caso do parto.

Esse movimento inicial de busca pela acomodação do fato novo – a gravidez – a sua realidade e, depois, às vésperas do parto, de retomada do seu antigo ritmo de vida pré-gravidez, imprime um ritmo próprio e característico ao período gestacional e de nascimento, que conforme o relato das mulheres dessa pesquisa é capaz de fundar uma espécie de base comum sobre a qual elas tecem seus afetos dotados por isso mesmo de certa homogeneidade. De forma que se pode pensar na existência de uma lógica de sentimentos maternos inaugurada com a gravidez-acontecimento, finalizada com o parto-esquecimento e regida pela noção da maternidade extra-ordinária que conforma uma maneira dessas mulheres experimentar e conviver com a maternidade.

Nessa perspectiva, a gravidez, desejada ou não, aguardada ou não pela mulher, é sempre recebida por esta com algum nível de surpresa. Essa pesquisa detectou quatro formas das mulheres reagirem à surpresa trazida pela gravidez-acontecimento: positiva, conformada, desconfiada e negativa. Tais reações se mostraram diretamente relacionadas às expectativas que cada mulher possuía em relação a ser mãe, naquele momento. Por exemplo: ela nunca foi mãe; ela sempre sonhou ser mãe; ela estava tentando ser mãe há tempos; ela já sofrera um ou mais abortos; ela não pensava em ter mais filhos ou ela tinha outros planos para a sua vida.

Ficou evidenciado também que uma mesma mulher pode se surpreender com a gravidez-acontecimento de mais de uma forma. Isto é, ela pode ficar feliz e preocupada ao mesmo tempo; ela pode ficar apavorada e, em seguida, conformada, e assim por diante. A miscelânea de sentimentos narrada por essas mulheres a respeito da reação que tiveram ao se saberem grávidas mostrou estar vinculada, inicialmente, com o rompimento do que até então estava relativamente acomodado em suas vidas – “meu Deus, e agora? (E18) – e, depois, com a aceitação da novidade e incorporação ao seu cotidiano – “eu não queria aceitar, não (...) “agora está bem melhor e eu consigo aceitar” (E12).

O medo é um sentimento que possui uma largueza maior do que a surpresa no que diz respeito à maternidade. Ele aparece de várias formas antes e durante a gravidez e se acentua drasticamente no período que antecede o parto. As mulheres dessa pesquisa alegam que temiam, antes de engravidar, não poder ter filhos – “será que eu não posso ter filhos? (E8). Uma

vez grávidas, elas passam a temer perder o bebê e, quando se sentem mais seguras quanto ao termo da gravidez, começam a temer pela saúde e pelo futuro de ambos – “eu vou ter uma responsabilidade maior” (E18). Às vésperas do parto, temem sofrer ou morrer nessa hora – “tenho medo de morrer e deixar minhas filhas ao Deus dará” (E14).

Tanto o sentimento de surpresa – que se exhibe fartamente no anúncio da gravidez – quanto o sentimento de medo – que abrange as várias vivências femininas da maternidade – estão completamente relacionados ao sentimento de contentamento que as mulheres dessa pesquisa manifestam diante da maternidade. No final das contas, elas se surpreendem grávidas e temem o parto porque querem muito ser mães. Algumas manifestam esse querer mais do que outras em função das circunstâncias nas quais a maternidade se apresentou a elas. Mas, todas afirmam de algum modo a sua satisfação por estarem gestando um filho pela primeira ou por mais uma vez: “eu estou curtindo muito, muito mesmo” (E19).

Outra peculiaridade dessa tríade de sentimentos perseverantes na forma como as mulheres experimentam a maternidade é a proximidade que eles estabelecem com o acaso e o imprevisível da vida. A surpresa da gravidez se manifesta na medida em que a gravidez “acontece” para elas de forma inesperada; o medo se apresenta diante do imprevisto da dor e da morte e o contentamento das mães é geralmente uma alegria acanhada e tímida na medida em que tudo pode mudar de uma hora para outra e uma mãe nunca sabe o que está por vir.

Maternidade e confiança

Na contemporaneidade, os riscos de uma mãe e seu filho não se concentram necessariamente no parto ou na sobrevivência de ambos, como ocorria, maciçamente, até cerca de 200 anos atrás. (Anderson y Zinsser, 2009, p. 160)

No entanto, optar por ser mãe e formar uma família, nos dias de hoje, “é como pular de cabeça em águas inexploradas e de profundidade insondável”, pois a maternidade exige doação – há que se “avaliar o bem-estar de outro ser” –, “compromete a autonomia” individual, “sacrifica carreiras”, torna a pessoa “dependente” – “horror dos horrores” – de uma série de fatores estruturais e circunstanciais relacionados a sua própria vida, e, “mais dolorosamente”, submete, “sem cláusula adicional” e “até segunda ordem” compromissos amorosos a uma “lealdade por um tempo indefinido”. Todos esses são requisitos “traumáticos” para o sujeito “de nossa modernidade líquida”. (Bauman, 2004, p. 60-61)

Estaria aí, talvez, o eixo de uma possível justificativa para que as mulheres dessa pesquisa argumentem a favor de uma maternidade pouco calculada e a situem como uma experiência extra-ordinária e basicamente contingencial. Poder-se-ia pensar, então, que essas mulheres optam pela maternidade, atualmente, porque elas a suspendem do cotidiano, esquecendo-se dos riscos impostos pela realidade do mundo que as rodeia. Essas mulheres conseguem esse feito na medida em que elas fazem uma aposta de “esperança” (E1) na vida.

Na modernidade, a noção de “esperança” se assemelha à idéia de “confiança” que “sempre leva à conotação de credibilidade em face de

resultados contingentes”, ou seja, a “confiança está basicamente vinculada (...) à contingência”. A confiança moderna “é geralmente muito mais um estado contínuo”, isto é, uma postura permanente do indivíduo frente à complexidade do funcionamento do mundo. Como o sujeito deixa de ser capaz de entender a diversidade de “sistemas peritos” ou especializados que se organizam para operar a engrenagem da vida moderna, ele não tem outra alternativa que não a de depositar credibilidade nesses “sistemas”. (Giddens, 1991, p. 34-41)

Em se tratando de maternidade, as mulheres dessa pesquisa esperam e confiam que “Deus sabe dessas coisas” e, portanto, tudo “vai dar certo” para a mãe e seu filho. (E1) Ou seja, a confiança ou a esperança aqui é depositada em um Outro que não se conhece mas em cuja existência se acredita e que, em última análise, seria o engendrador da própria contingência. Seria a confiança dessas mulheres em Deus muito diferente da confiança do sujeito moderno nos “sistemas peritos”, uma vez que “toda confiança é num certo sentido confiança cega”? (1991, p. 41)

CONCLUSÕES

Uma revolução chamada maternidade

Ao falar de como a maternidade repercute em suas vidas, transtornando-as e também as arrebatando; maravilhando-as e, ao mesmo tempo, tornando-as inseguras e temerosas; fazendo-as poderosas e, por outro lado, deixando-as completamente frágeis, as mulheres comuns dessa pesquisa escancararam uma característica que perpassa todo o seu discurso e que tem a ver com o cerne da questão materna para elas: o caráter contingencial da maternidade.

A contingência de que falam as mulheres dessa pesquisa se evidencia, na fase gestacional, de duas formas: no modo como elas lidam com a gravidez que sempre “acontece” como “acidente” e que pode ser traduzida em “gravidez-acontecimento” e na maneira que elas têm de enfrentar a perspectiva do parto, o qual, sob o império do “medo” e do imprevisível de que “algo de errado ocorra nessa hora”, deve ser esquecido a fim de que elas se encorajem a repetir a experiência materna sob o efeito do “parto-esquecimento”.

Tanto a “gravidez-acontecimento” quanto o “parto-esquecimento” se amparam na lógica de uma maternidade para além da razão moderna – que, conforme elas dizem, “não pode ser muito calculada” – e, ao mesmo tempo, em uma maternidade que é descrita como aquilo que confere sentido à vida ou que é considerado como o fato mais importante da sua existência.

Sendo a maternidade algo tão significativo para essas mulheres, elas desenvolvem uma estratégia de perpetuar o que de melhor a experiência materna lhes proporciona – como é o caso da “gravidez-acontecimento” que, ao longo da gestação, passa da condição de “acidente” para a condição de alguma coisa muito especial, um “presente” –, esforçando-se por menosprezar aquilo que pode lhes trazer alguma dor – como no “parto-esquecimento”.

Dada a sua capacidade de interferência no cotidiano, rompendo com a normalidade da rotina, a “gravidez-acontecimento” e o “parto-esquecimento” podem ser entendidos como ocorrências temporais “problemáticas” (Berger e Luckmann, 1999, p. 42), as quais acabam por serem incorporadas à realidade, não sem antes instaurar um outro ritmo ordinário na vida dessa mulher, que

legítima uma espécie de lógica de funcionamento afetivo característico do período gestacional.

Assim é que essa pesquisa detectou a existência de uma tríade de afetos maternos – “surpresa, medo e contentamento” – presentes nas narrativas de todas as mulheres entrevistadas quando elas falavam das mesmas situações com as quais elas se deparavam na gestação. A surpresa é o sentimento que melhor representa o encontro dessas mulheres com o anúncio da gravidez; o medo é o que define com mais precisão a relação delas com a expectativa do parto e o contentamento é o que todas elas manifestam quando o assunto é ser mãe.

Observa-se que a tríade afetiva “surpresa-medo-contentamento” está sintonizada, respectivamente, com os significados da “gravidez-acontecimento”, do “parto-esquecimento” e da maternidade como o fato mais importante da vida dessas mulheres. Onde se torna possível constatar um caráter de coerência, regularidade e uniformidade no modo como as mulheres sentem e pensam a maternidade.

Tal condição de coerência, entretanto, não as livra do conflito que essas mulheres estabelecem com o mundo que as rodeia quando elas abordam a maternidade como uma experiência contingente e ao mesmo tempo essencial para a sua vida. Ao fazê-lo, as mulheres assumem uma posição política contrária à maré dos tempos modernos, dominada pela idéia de “ordem”, “planejamento” e de uma razão que “repudia a contingência e glorifica a ausência de ambigüidade”, tornando o “casual” da vida em alguma coisa de “caótico que equivale ao descontrolado” (Bauman, 1999, p. 237)

Contingenciando a experiência materna, as mulheres comuns dessa pesquisa invocam aquele homem precário das ciências humanas do final do século XIX e de todo o século XX que estava predestinado à incompletude, aos conflitos, aos desatinos, à imperfeição e à contingência. Esse homem que parecia ter finalmente esclarecido a condição humana, encontra-se em vias de ser substituído, no século XXI, pela idéia do pós-humano: uma nova concepção do homem centrada na revolução tecnocientífica e biotecnológica que pretende corrigir e melhorar as imperfeições humanas por intermédio de medicamentos, cirurgias, próteses, etc., de modo a criar o homem perfeito. (Wolff, 2008, p. 31-32)

Quando elas afirmam que a maternidade é “o fato mais importante” de sua vida e que “por um filho, tudo vale a pena”, não se pode deixar de considerar que essas mulheres assumem uma posição de enfrentamento com uma sociedade de mercado que privilegia a mulher bem sucedida profissionalmente a qual se traduz justamente naquela mulher libertada de suas tradicionais atividades de mãe. A mulher que está “em alta” no mundo contemporâneo – isto é, a que detém, hoje, o reconhecimento social e, portanto, financeiro – é aquela que se iguala ao homem em disponibilidade para atender às demandas do mercado que, definitivamente, não coincidem com as de uma família.

A mídia é pródiga na exibição e na propagação de protótipos da “super mulher” que o mercado elege como o ideal feminino. Essa “super mulher” é a mulher que concilia como uma verdadeira equilibrista de circo as suas funções de profissional competente e eficiente com as suas atividades domésticas e

maternas, além de possuir uma incrível capacidade de se perpetuar fisicamente bela e em forma por cada vez mais tempo. É a mulher perfeita – a “olimpiana” moderna. (Morin, 2005, p. 105-107)

Por sua vez, “os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de toda a sua vida”. Além do custo monetário elevado, trata-se de um custo que “não pode ser fixado de antemão nem estimado com algum grau de certeza” o que, em termos financeiros, equivale a “assinar um contrato de hipoteca com prestações de valor desconhecido, a serem pagas por um tempo indefinido”. Tal situação expõe aqueles que decidem ter filhos a um “nível de risco atipicamente elevado e a uma fonte prolífica de ansiedade e medo”. (Bauman, 2004, p. 60)

Diante de uma sociedade regida pelo planejamento que desmerece tudo o que não pode ser calculado; de um homem cada vez mais perfeito que não comporta conflitos nem devaneios nem contingência; da super mulher olimpiana também perfeita e idealizada aos olhos do homem e da mulher comum e da lógica de mercado que só valoriza o que é lucrativo e faz do consumo a sua principal fonte de sustentação, a maternidade que “não pode ser muito calculada” e que é a maior fonte de felicidade das mulheres comuns dessa pesquisa talvez possa ser pensada como uma revolução silenciosa, pacífica e amorosa que essas mulheres operam, cotidianamente, em nossa realidade, possibilitando a elas e a nós todos uma chance de transcendência.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó (SC): Argos, 2010.

ANDERSON, B.S. e ZINSSER, J.P.. **Historia de las mujeres** – Una historia propia. Espanha: Editora Crítica 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo (SP): Edições 70, 2011.

BAUER, M. W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – Um manual prático. 7ª. ed. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed., 1999.

----- **Amor Líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor, 2004.

BEAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70.

BERGER, P. L. e LUCHMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1999.

BOFF, L. Tempo da Transcendência. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=2ktoHzeWQps>) Acesso em: 17 de setembro de 2012.

CHÁTELET, Madame Du. **Discurso sobre a felicidade**. São Paulo (SP): Editora Martins Fontes, 2002.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo (SP): Editora Perspectiva, 2006.

DENCKER, A. F. M. e DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas** (com ênfase em comunicação). 2ª Ed, São Paulo (SP): Futura, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3ª. ed.. Porto Alegre (RS): Artmed, 2009.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo (SP). Editora Unesp, 1991.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro (RJ): Editora Objetiva Ltda, 2001.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia** – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo (SP): Editora Edusc, 2001.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. **A construção do saber** – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG: Porto Alegre (RS): Artmed Editora, 1999.

MELLA, O. **Naturaleza y orientaciones teórico-metodológicas de la investigación cualitativa**. Publicado na internet em 1998. Acesso em 17 de setembro de 2012.

MONTAGNER, M. A. **Trajetórias e biografias**: notas para uma análise bourdieusiana. In: Sociologias no. 17. Porto Alegre Jan/June 2007.

MORIN, E. **Cultura de Massas no Século XX**. Vol. 1. Neurose. 9ª. ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2005.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo (SP): Cultrix, 2006.

SEBASTIANI, M. **Lo que nadie te contó del embarazo y del posparto**. Buenos Aires (Argentina): Paidós, 2011.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo (SP): Edições Loyola, 2002.

SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: **Sociedade Midiatizada**. DÊNIS, M. (org.). Rio de Janeiro (RJ): Editora Mauad X, 2006. p.19-31

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.

WOLFF, F. As quatro concepções do homem. In: **Mutações – A Condição Humana**. ADAUTO, N. (org.). São Paulo (SP): Editora Sesc São Paulo, 2008.p.30-32.

A MATERNIDADE É UMA “DÁDIVA” DO FEMININO PARA AS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS.¹¹¹²¹³¹⁴¹⁵

LA MATERNIDAD ES UNA “DÁDIVA” DE LO FEMENINO PARA LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÂNEAS

MATERNITY IS A "BOON" OF FEMININE FOR CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Autora principal: **Maria Amélia Tostes Filgueiras Campos** – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. mameliatostes@uol.com.br

Endereço residencial: Rua Aimorés, no. 156, apto. 1402, bairro Funcionários
30.140-070 - Belo Horizonte, Minas Gerais. Tels: (31) 3225-0127/ 8888-7755

Co-autor 1: **Joaquim Antônio César Mota** – Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG. jacmota@medicina.ufmg.br

Co-autora 2: **Rosa Maria Quadros Nehmy** – Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da UFMG. rosaq@uol.com.br

¹¹ Trabalho baseado na pesquisa de tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG.

¹² O trabalho é inédito e a revisão de literatura junto à base Scielo demonstra que a noção aqui desenvolvida da maternidade como “dádiva” que implicaria a retribuição materna no desempenho da “boa mãe” não fora ainda formulada em nenhuma investigação de pesquisa. Esse trabalho traz ainda a idéia de que a maternidade está no destino do feminino; que “mãe não é tudo igual”, como reza o ditado popular, e que o modelo de “boa mãe” estaria assegurado socialmente enquanto prevalecer a concepção da maternidade como “dádiva”.

¹³ A pesquisa da qual trata este artigo foi aprovada pelo Coep da UFMG e o número do processo é **0478.0.203.000-09**.

¹⁴ Os co-autores atuaram em todas as etapas de produção do manuscrito.

¹⁵ Avaliadores sugeridos: Professor Roberto Assis Ferreira (tel: 31- 9977-1832/ 3273-0770 – email: robassisf@uol.com.br) e Professora Cristiane de Freitas Cunha (tel: 31- 8797-2046 – email: cristianedefreitascunha@gmail.com)

A MATERNIDADE É UMA “DÁDIVA” DO FEMININO PARA AS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS.

LA MATERNIDAD ES UNA “DÁDIVA” DE LO FEMENINO PARA LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÂNEAS

MATERNITY IS A "BOON" OF FEMININE FOR CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Resumo

Ao vislumbrarem na maternidade uma “dádiva”, as mulheres comuns contemporâneas afastam-na do alcance e da eficácia do discurso moderno voltado para o “*homo consumens*” e, de certa forma, reabilitam o “*homo faber*”. Foi realizada pesquisa qualitativa utilizando a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados, e a análise de conteúdo para o tratamento das informações. Os resultados apontam na direção de uma subjetividade feminina “complexa” que instala a experiência materna na contramão da primazia do “eu”, no avesso da sociedade de consumo e no enfraquecimento da objetividade como o valor privilegiado do pensamento moderno, remetendo a relação mãe e filho para uma instância à deriva dos principais referenciais da modernidade. As mulheres comuns contemporâneas apostam na maternidade para serem felizes, a concebem como o fato mais importante de sua vida e querem ser “boas mães”.

Palavras-chaves: Mulheres. Gestantes/psicologia. Mães/psicologia. Relações Mãe-Filho. Comportamento Materno/psicologia.

A MATERNIDADE É UMA “DÁDIVA” DO FEMININO PARA AS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS.

LA MATERNIDAD ES UNA “DÁDIVA” DE LO FEMENINO PARA LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÂNEAS

MATERNITY IS A "BOON" OF FEMININE FOR CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Resumen

Por vislumbrar en la maternidad una “dádiva”, las mujeres comunes contemporáneas la alejan del alcance y de la eficacia del discurso moderno, vuelto hacia el “*homo consumens*” y, de cierta forma, rehabilitan al “*homo faber*”. Fue realizada investigación cualitativa, utilizando la entrevista semiestructurada para la recolección de datos, y el análisis de contenido para el tratamiento de las informaciones. Los resultados apuntan para la dirección de una subjetividad femenina “compleja”, que instala la experiencia materna a contramano de la primacía del “yo”, en el avieso de la sociedad de consumo y en el enflaquecimiento de la objetividad como el valor privilegiado del pensamiento moderno, remitiendo la relación madre e hijo hacia una instancia a la deriva de los principales referenciales de la modernidad. Las mujeres comunes contemporáneas apuestan en la maternidad para ser felices, la conciben como el hecho más importante de su vida y quieren ser “buenas madres”.

Palabra-llaves: Mujeres. Mujeres Embarazadas/psicología. Madres/psicología.

Ralaciones Madre-Hijo. Conducta Materna/psicologia.

A MATERNIDADE É UMA “DÁDIVA” DO FEMININO PARA AS MULHERES COMUNS CONTEMPORÂNEAS.

LA MATERNIDAD ES UNA “DÁDIVA” DE LO FEMENINO PARA LAS MUJERES COMUNES CONTEMPORÂNEAS

MATERNITY IS A "BOON" OF FEMININE FOR CONTEMPORARY ORDINARY WOMEN

Abstract

Upon envisioning motherhood as a “boon”, contemporary ordinary women depart it from the scope and the efficacy of modern speech, directed to “*homo consumens*” and, somehow, rehabilitate “*homo faber*”. Qualitative research was conducted using semi-structured interviews to collect data, and content analysis was employed to process the information. Results aim in the direction of a “complex” feminine subjectivity that installs maternal experience against the primacy of “me”, in reverse from consumer society and in the impairment of objectivity as the privileged modern thought, referring the relationship of mother and child for an instance adrift from the main references of modernity. Contemporary ordinary women bet on maternity to be happy, conceiving it as the most important fact of their lives, and they want to be “good mothers”.

Keywords: Women. Pregnant Women/ psychology. Mothers/ psychology. Mother-Child Relations. Maternal Behavior/psychology.

INTRODUÇÃO

A modernidade inventa o “homem social” (Touraine, 2002, p. 41) enquanto “a sociedade ocidental promove a assunção da maternidade”, politizando-a e tornando-a igualmente “um fato social” (Perrot, 2007, p.69). Do século XVII até hoje, o mundo tem passado por guerras, revoluções, crises de toda ordem, avanços tecnológicos e científicos, transformações identitárias e de costumes, mas, em meio a tantas mudanças, as mulheres continuam gerando, parindo e maternando seus filhos e a maternidade segue sendo um terreno propício às contradições proporcionadas pelo embate moderno travado entre objetividade e subjetividade: “a história da modernidade será sempre o diálogo sem compromisso possível entre a racionalização e a subjetivação” (Touraine, 2002, p. 46).

Dada a sua natureza escancaradamente “complexa”¹⁶, a maternidade acabaria por expor os limites de um pensamento “mutilante”, ou seja, um pensamento baseado unicamente nos ditames da objetividade, nas “verificações empíricas” e na “coerência lógica” que “se engana” ao ignorar que a “a cientificidade é a parte emersa de um icebergue profundo de não-cientificidade” (Morin, 1983, p. 13-34).

A ilusão da lógica, da empiria e do pensamento científico seria a mesma detectada na aposta da “avançada sociedade ocidental” que, desmerecendo tudo o que representa a natureza, “erige o individualismo e a realização

¹⁶ O termo se refere à noção que Edgar Morin confere à complexidade, isto é, à variedade de pontos-de-vista que todo pensamento deve considerar a fim de gerar o que ele denomina de “anel do conhecimento”.

peçoal como modelos” e, ao fazê-lo, submete “a condição feminina” a uma “dolorosa” e “agônica” relação da mulher com seu corpo (Paglia, 1992, p.21).

Seria diante, então, de uma sociedade regida pela necessidade da “certeza” (Bauman, 1999, p.236) que a maternidade se instalaria como um conflito ou um “problema” (Badinter, 2011, p.163) para as mulheres que querem ser ou que são mães, pois, na medida em que a experiência materna traria à tona o “drama da vida” (Bauman,1999, p. 227), ela não conseguiria preencher os “*guide lines*” de uma sociedade organizada em torno da comprovação empírica, tornando-se vulnerável aos critérios de verdade estabelecidos pela modernidade.

Desprovida de certeza, de razão, de lógica e de coerência, a maternidade viria transitando, há mais de três séculos, nas sociedades ocidentais, pelo “confuso mundo da vida”, permeado pela “ambiguidade”, pelo “perigo real” e pelo “medo de errar” (Bauman, 1999, p. 236). Contudo, as mulheres insistem em ser mães. Algo nelas fala mais alto do que aquilo que o pensamento e a organização social formatados pela modernidade conseguiriam assimilar.

As estatísticas demonstram que, excetuando as realidades de alguns países¹⁷, há uma tendência generalizada à queda no número de filhos por mulher, nos países industrializados (Badinter, 2011, p. 27-29). Por sua vez, à pergunta “por que fazemos filhos”¹⁸ feita aos franceses (homens e mulheres)

¹⁷ Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Japão, especialmente (Badinter, 2011, p. 29).

¹⁸ Pesquisa publicada, em março de 2009, pela edição no, 27 da revista *Philosophie Magazine* (Badinter, 2011, p. 18-19).

em 2009, 91% dos 1.000 entrevistados afirmaram que “têm, desejam ou desejariam ter filhos” porque “um filho torna a vida cotidiana mais bonita e alegre” (60%); “permite fazer a família perdurar, transmitir seus valores, sua história” (47%); “um filho dá afeto, amor e faz com que sejamos menos sós na velhice” (33%) ou representa “dar de presente a vida a alguém”(26%), para citar as justificativas percentualmente mais significativas apontadas pela pesquisa (Badinter, 2011, p. 18-19).

Constata-se, pelos resultados auferidos na pesquisa entre os franceses, que os filhos, no mundo atual, continuam preenchendo necessidades que não se encaixam propriamente nos modelos e parâmetros de objetividade e utilidade tão considerados ainda pelas sociedades ocidentais contemporâneas. Os filhos parecem ser desejados justamente porque transbordam e extravazam esses parâmetros, se transformando, portanto, na “decisão mais perturbadora que um ser humano é levado a tomar na vida” (Badinter, 2011, p. 18).

Apesar de filha dileta da modernidade, seria possível pensar que a maternidade foi sendo relegada cada vez mais à condição de “ovelha negra” da era moderna, na medida em que haveria uma diferença fundamental entre uma e outra: a maternidade, como indicam os resultados da pesquisa francesa citada, acenaria com uma idéia de transcendência, enquanto o mundo moderno fez “desaparecer todo princípio transcendental” (Touraine, 2002, p. 64). Como as mulheres comuns contemporâneas conseguem ser mães numa sociedade cujo funcionamento não fora concebido para lhes acolher? Este é o eixo que norteou a pesquisa que originou este artigo.

MÉTODOS

Estratégias de análise do objeto de estudo

A pesquisa foi realizada com um universo de 20 gestantes com no mínimo 28 semanas gestacionais, usuárias do Ambulatório do Serviço de Pré-Natal do complexo do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais - um Hospital de ensino e de referência do Sistema Único de Saúde (SUS).

Como perfil sócio-econômico das entrevistadas, pode-se dizer que elas sobrevivem com uma renda familiar que varia de um a três salários mínimos atuais¹⁹ e possuem níveis diferenciados de escolaridade que vão do ensino fundamental incompleto ao médio completo. Poucas detêm um curso técnico profissionalizante e as que o possuem nem sempre atuam no mercado de trabalho com a sua profissão: são donas-de-casa, na maior parte, habitam a periferia de Belo Horizonte (Minas Gerais) e vivem, muitas delas, ou com um orçamento garantido pelo companheiro ou com o apoio da família de um dos membros do casal.

Todas as entrevistadas eram classificadas no Serviço como de risco habitual, isto é, não pertenciam a nenhum grupo médico de atenção especial, e a sua quantificação ocorreu de acordo com os critérios qualitativos de saturação (Mella, 1998, p.19; Bauer, 2002, p.59). As entrevistas foram aplicadas pessoalmente pela pesquisadora, nas dependências físicas do Ambulatório, entre os meses de abril e setembro de 2010.

¹⁹ O valor do salário mínimo, no Brasil, hoje, é de R\$ 620,00.

Antes das entrevistas serem iniciadas, as participantes da pesquisa liam, concordavam e assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas perseguiram o modelo qualitativo descrito como do tipo individual e em profundidade (Laville e Dionne, 1999, p. 32 e 33), e sempre eram iniciadas a partir de uma pergunta geradora de narrativa (Flick, 2009, p.165).

Os eixos temáticos e seus significados

Na busca por identificar e estabilizar os feixes comuns de discursos (Montagner, 2007) e tomando como referência os parâmetros oferecidos pela análise de conteúdo da pesquisa qualitativa (Dencker e Da Viá, 2002, p.153), foram elencados, inicialmente, oito blocos discursivos que se consolidaram em oito eixos temáticos: gravidez, parto, maternidade, filhos, família, trabalho, infância e matrimônio. Desse universo de temas, os quatro primeiros eixos foram abordados por todas as vinte entrevistadas.

Os feixes de significados

A partir da listagem dos significados encontrados em cada eixo temático, foi possível juntá-los em feixes. Nesse momento, emergiu uma nova percepção do conjunto de falas das entrevistadas: elas falavam sempre a partir do mesmo referencial: o referencial da maternidade. De forma que, daquele momento em diante, os oito eixos temáticos identificados no início do trabalho de análise foram reformulados e ganharam novas nomenclaturas: Maternidade-Gravidez; Maternidade-Parto; Maternidade-Mulher; Maternidade-Filho; Maternidade-Mãe e Maternidade-Trabalho. Ao invés de oito temas, a nova organização discursiva passava a contar então com seis eixos temáticos.

Os feixes amplos de significados: as categorias de pesquisa

A utilização da demarcação textual com cores diferentes fez surgir repetições e semelhanças entre os feixes de significados, possibilitando o que foi denominado de feixes amplos de significados. A reunião dos feixes de significados em torno de sentidos similares resultou, inicialmente, em quatro feixes amplos de significados – “surpresa”, “medo”, “contentamento” e “contingência” – sendo observado que a “contingência” fazia funcionar os outros três feixes, donde se formulou a idéia de uma espécie de “lógica de funcionamento dos significados da maternidade”.

É assim que a “contingência da maternidade” se firma como a primeira categoria de sentido dessa pesquisa (Bardin, 2011, p. 149), vindo, em seguida, outras duas categorias: a “vocação materna” e “a maternidade não é para todas as mulheres”. Essas duas últimas serão alvo de discussão neste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maternidade no destino do feminino

“Toda mulher tem que ser mãe” (E6)²⁰ ou “toda mulher deve ter filho” (E11). Essa é a idéia central das mulheres comuns contemporâneas²¹ dessa pesquisa sobre o significado da maternidade para uma mulher o que, em outras palavras, significa dizer que elas não concebem o feminino despartado da maternidade porque é sendo mãe que a mulher “se sente mais mulher, mais completa, mais realizada” (E3), com melhores chances de alcançar a

²⁰ As 20 entrevistadas são citadas aqui mediante a identificação E1, E2, E3 e assim por diante.

²¹ O termo se refere às mulheres dos nossos dias que se encontram no avesso das celebridades mediáticas que seriam as “olimpianas” modernas (Morin, 2005, p.105-107).

felicidade. “Eu seria feliz se não tivesse filhos, mas, com filhos, eu sou mais feliz” (E13).

Em meio à crescente inserção da mulher na vida pública, e diante da existência atual de “outras vias possíveis e desejáveis” de realização do feminino (Badinter, 2011, p.152), as mulheres dessa pesquisa ainda se mostram totalmente decididas sobre a importância da maternidade para a sua felicidade, a ponto delas afirmarem que “se eu não gerasse um filho, eu me sentiria uma pessoa inútil (porque) uma mulher que não pode gerar é muito triste; é uma coisa terrível” (E6).

O ponto-de-vista de que “a maternação das mulheres efetiva e perpetua a relativa falta de poder das mulheres”, contribuindo para a desigualdade entre os sexos (Chodorow, 2002, p.52) não se encaixa no modo como as mulheres dessa pesquisa abordam a maternidade, uma vez que o “poder” que parece interessar a essas mulheres é justamente o “poder” que lhes seria conferido pela maternidade. Elas dizem: “a maternidade faz a diferença na vida da mulher” (E1); “não me imagino não sendo mãe” (E8); “se eu não pudesse ter filho, seria muito ruim” (E15); “para a mulher se sentir realizada na vida, ela tem que ter uma criança (...) porque nada substitui e nada compensa mais nesse mundo do que a maternidade para uma mulher” (E17); “se eu não tivesse um filho, eu tenho certeza de que eu me arrependeria” (E19).

Assim é que a maternidade para essas mulheres, além de não poder faltar a nenhuma mulher sob pena dela não se realizar nem se completar como tal – “a mulher que não é mãe vai sentir como se estivesse lhe faltando alguma coisa” (E3) –, é algo do qual toda mulher não deve tentar escapar, caso não

queira se arrepender, mais tarde: "quando chega lá na frente, todas se arrependem de não ter tido um filho" (E3). Ou seja, a maternidade, desejada ou não, se encontraria atrelada ao "bruto e inflexível ritmo da lei da procriação" na qual a natureza é quem daria as cartas (Paglia, 1992, p.21-22). A maternidade, portanto, estaria no destino do feminino: "isso (a maternidade) foi destinado a nós (mulheres)" (E6), por isso, "é próprio da mulher gerar" (E1).

O inexplicável da gestação: a maternidade "sagrada"

"Deus disse para nascer, crescer, ter filhos e morrer" (E11). A procriação como uma etapa do ciclo da vida humana é uma obra divina para as mulheres comuns contemporâneas. Sacralizando a maternidade, essas mulheres evocariam a noção de que "todo ato realizado pelo homem religioso²² que possui uma inspiração na criação do Universo adquire um sentido sagrado" (Eliade, 1992, p.70). A mulher, por gerar e parir filhos, repetiria e revitalizaria o modelo original e mítico de criação do mundo no qual os homens foram paridos pela Terra (Eliade, 1992, p.114) de forma que "o prestígio mágico-religioso da mulher" teria um modelo cósmico: a figura da Terra – Mãe (Eliade, 1992, p.118).

Se, por um lado, o mito sacraliza a mulher-mãe e santifica a Terra, por outro, foi a mulher a primeira a cultivar a terra e dela obter o alimento, isto é, foi a mulher que "naturalmente se tornou proprietária do solo e das colheitas"

²² O termo religioso aqui é usado no sentido conferido por Mircea Eliade a todo homem que, tal qual aquele ser primitivo da Europa cristã, explica e vive a realidade sob a orientação do que é sagrado que, por sua vez, se opõe ao que é profano.

(Eliade,1992, p.117-118), efetivando, socialmente, portanto, a relação cósmica e mítica da mulher com a Terra.

É coerente se pensar, então, que a noção de uma maternidade “sagrada” presentifica o momento sagrado e mítico da Criação do Mundo, mas também é possível se ponderar que, no caso das mulheres dessa pesquisa, a maternidade é “sagrada” na medida em que ela está envolta no mistério ao qual essas mulheres se referenciam quando elas falam da sua capacidade de gerar uma outra vida: “não sei falar por que um filho completa tanto uma mulher. É uma coisa tão assim que eu não sei ... Acho que é o fato de estar gerando ...” (E3)

A maternidade que, de tão grandiosa, “mágica e especial” (E17) fugiria à compreensão humana, talvez devesse ser engendrada, sob o ponto-de-vista das entrevistadas, por uma outra dimensão da existência – “Deus sabe dessas coisas” (E1) – porque somente uma outra ordem da vida que extrapole a realidade dos homens possa dar conta do mistério que é “carregar uma vida aqui dentro” (E18).

Assim é que, diante do inexplicável que é “ter outra vida dentro de você” (E1) e, sendo a maternidade “uma coisa tão maravilhosa” (E11), é plausível considerar que as mulheres dessa pesquisa busquem no caráter divino e sagrado da maternidade uma forma de dizer o que elas experimentam como mães. Dar à luz um filho é “muito bonito e não tem explicação” (E14).

A maternidade como a experiência mais importante da vida

Na condição de “sagrada” e “misteriosa”, a maternidade se torna o fato mais marcante da vida das mulheres dessa pesquisa. Mas, essa importância nem sempre está associada a momentos de satisfação, alegria ou prazer; do que se depreende que a importância que essas mulheres conferem à experiência materna pode estar relacionada não apenas com o que é belo e prazeroso, mas com o grau de interferência e de impacto que essa experiência possa ter em sua vida.

A notícia de uma gravidez inesperada – “esse (filho) veio quando eu estava amamentando o outro (...) então meus planos mudaram totalmente” (E17) – ou o desfecho problemático de um parto – “ele é um menino especial, depende de mim prá tudo, (porque) o parto demorou bastante e ele ficou com falta de oxigênio” (E2) – podem devastar e “problematizar” completamente o cotidiano (Berger e Luckmann, 1999, p.42) e os rumos de vida de uma mulher. Experiências desse tipo não são exatamente boas de serem vividas, mas são marcantes.

Outro ponto que emerge dessa noção da maternidade como o principal acontecimento da vida para essas mulheres é que a gravidez e o parto são vivenciados como experiências importantes, mas transitórias ou episódicas, e as emoções a elas relacionadas, seja de alegria, apreensão ou medo, não interferem no valor que as mulheres dessa pesquisa depositam na experiência materna como um todo. Ser mãe é o que “eu sempre quis” (E3); “é a coisa melhor que tem” (E15); “eu não abriria mão de ser mãe e de ter filhos” (E2). Ou seja, é a maternidade – e não a gravidez ou o parto – que elas consideram “uma realização” de vida (E1) e, em função dessa significância, elas tendem a

menosprezar os variados temores, os possíveis sacrifícios financeiros e os desconfortos físicos para valorizarem aquilo que de fato lhes interessa: ser mães. “Eu estou tendo dor nas costas, dormência nas pernas, mas prá mim está tudo ótimo, tudo faz parte” (E6) porque “eu sempre me imaginei tendo um filho”, afirma a maioria delas.

Ao elegerem a maternidade como o fato mais importante de sua vida, as mulheres dessa pesquisa demonstram não ignorar os dissabores a que estão sujeitos uma mãe – “hoje, tem muita coisa ruim (sobre as quais) a gente não tem controle” (E3); “eu já sabia da responsabilidade, do custo financeiro que é muito grande (para se criar um filho)” (E6) – mas, talvez, ao fazê-lo, elas estejam valorizando o que a maternidade pode lhes proporcionar de único: o amor entre um filho e uma mãe, pois “o amor de um filho é a melhor coisa que tem” (E11) e “o amor de uma mãe pelo seu filho é incondicional” (E19).

Essa incondicionalidade do amor entre mãe e filho descrita por essas mulheres deslocaria a maternidade da lógica consumista da contemporaneidade, em que os filhos seriam desejados mais como um “objeto de consumo” destinado a servir “a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor”, do que pelas “alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que eles proporcionem” (Bauman, 2004, p. 59).

Por sua vez, essa perspectiva amorosa que enlaça mãe e filho nos discursos dessas mulheres se ajustaria a uma concepção de maternidade que possivelmente se contrapõe à “nova ética da vida cotidiana” baseada no “compromisso negociado” e na obrigação política da “coisa adequada a fazer” (Giddens, 1993, p.109) bem como nos “relacionamentos puros”, em que as

parcerias e as cumplicidades amorosas – as quais estabelecem um “nós” na relação – são substituídas pelas associações de “eu(s)” e duram apenas enquanto elas forem consideradas satisfatórias para cada um dos envolvidos (1993, p. 64 – 69).

Uma experiência materna que possibilite a uma mãe experimentar com seu filho um amor “que é totalmente diferente de todos os outros” (E17), faz pensar numa experiência assentada ainda na concepção do “*homo sexualis*” isto é, numa idéia de homem que uniria o sexo à reprodução, mediante o modelo de vida do produtor, ou seja, do “*homo faber*”. A existência humana experimentada pelo viés do consumo teria gerado o “*homo consumens*”, para quem “o sexo seria a própria síntese” (Bauman, 2004, p. 55-66). É concebível imaginar a impossibilidade de uma maternidade respaldada pelo discurso amoroso – como a que sobressai nas narrativas das mulheres dessa pesquisa – ocorrer na lógica do “*homo consumens*”.

“Ser mãe é padecer no paraíso”: a “boa mãe”

A importância da qual as mulheres dessa pesquisa revestem a maternidade expõe a ambivalência da experiência materna: “às vezes, é difícil ser mãe” (E4). Ou seja, ser mãe pode ser tão “especial” (E1) quanto “enlouquecedor” (E5); pode proporcionar “uma emoção ímpar” (E3), mas também pode desencadear desamparo e dor: “eu fiquei quase louca” (E5). Constata-se que, nesse ponto, essas mulheres revigoram a tradicional noção de que “ser mãe é padecer no paraíso” e demonstram que é com ambivalência que elas lidam com a maternidade, assim como é de modo ambivalente que aparece em suas narrativas a figura da “boa mãe”.

Todas as entrevistadas dessa pesquisa se consideram “boas mães” – “eu me acho e a minha filha, a minha mãe, a minha família, todos me acham uma boa mãe” (E8) – ou pretendem ser “boas mães” – “eu quero ser a melhor mãe do mundo” (E12). Historicamente, a “boa mãe” surgira, a partir do século XVII, com os iluministas, que, ao mesmo tempo em que glorificaram as virtudes da mulher doméstica (Anderson y Zinsser, 2009, p.588-589), exaltaram as finalidades maternas como as mais nobres a serem realizadas por uma mulher (2009, p.643).

Se não é possível atestar que as mulheres dessa pesquisa ainda se consideram dignificadas e honradas por se dedicarem unicamente às tarefas domésticas – embora seja essa a condição da maioria delas, percebe-se que o trabalho fora de casa e a possibilidade de uma remuneração financeira são cada vez mais uma necessidade e um conflito para elas –, é pertinente afirmar, entretanto, que elas continuam muito interessadas em se identificar com o ideal moderno da “boa mãe”.

A “esposa perfeita”, a “mãe perfeita” e a “dama perfeita” como papéis identificados ao “ideal de domesticidade” feminina configuram “um estilo que ainda se mantém intacto no presente” (Anderson y Zinsser, 2009, p.640-641). Os depoimentos das mulheres dessa pesquisa não permitem comentar sobre a “esposa” e a “dama” “perfeitas”, mas eles indicam que a “mãe perfeita” pode ser avistada na “boa mãe” que todas as entrevistadas fazem muita questão de se considerar uma sua representante.

A “boa mãe” é descrita aqui como a que “cuida do filho” (E13); a que “educa o filho, não o mimar, mas o prepara para a vida” (E15); a que “zela pelo

filho, presta atenção no que está acontecendo na vida dele, se preocupa e quer dar o melhor para ele” (E16). A “boa mãe” é também aquela que “quando tem que falar a verdade, fala; quando tem que usar de disciplina, usa; mas que sabe dar colo, abraçar e falar que ama o filho” (E1). De acordo com as entrevistadas, a “boa mãe” pode ser entendida então como a que se dedica prioritariamente ao filho na condição de responsável por seu bem-estar e sua felicidade na vida. Essa “boa mãe” seria sensível à “palavra de ordem”: “primeiro os filhos!” (Badinter, 2011, p.42).

Ao priorizar o filho, a “boa mãe” “não pensa mais só em si mesma mas, no bem de um outro ser” (E1). Uma mãe “faz muita coisa por um filho” (E5) porque a “reprodução” como meio de substituir “o velho pelo novo” seria o único mecanismo capaz de possibilitar a um mortal participar da imortalidade, como ensinara a profetisa Diotima a Sócrates: “não te admires de que todo ser faça, por natureza, tanto caso de seu próprio rebento; é o anseio da imortalidade que a cada um associa aquele afã e aquele amor” (Platão, Um Banquete, 2006, p.80).

O filho, assim, mereceria o sacrifício de uma mãe – o filho “vale a pena” (E16). Dentre os sacrifícios impostos a uma mãe e mencionados pelas entrevistadas estão o parto e o adiamento do trabalho fora de casa. O parto é geralmente aguardado com medo “de que alguma coisa saia errado nessa hora” (E5) – e compreendido por elas como o preço que toda mulher tem que pagar para ser mãe. “Ela (a mulher) precisa de passar prá ela ter um tipo de realização” (E1).

Das 20 entrevistadas, 16 preferem o parto normal como forma de dar à luz um filho, incluindo as mães veteranas que só conseguiram ter filhos por via cirúrgica. A noção generalizada é de que o parto normal é sob medida para a mulher porque ele é “o melhor para a mãe e para o bebê” (E10); “o corpo da mulher já foi feito para o parto normal” (E3); “a mulher precisa de passar pela dor do parto para se sentir mais mulher” (E1), e, por outro lado, o parto cesáreo é “para as mulheres chatas que têm medo de sentir dor” (E11). Além disso, o parto normal é preferido porque “eu nasci de parto normal” (E12) ou “minha mãe teve todos os filhos de parto normal”, alegam elas.

Mas, o fator decisivo na preferência pelo parto normal entre as mulheres pesquisadas é a alegada recuperação pós-parto que, segundo elas, é muito rápida quando o parto é normal e muito complicada quando o parto é cesáreo. Acostumadas aos cuidados com a casa, o marido e os filhos, e não dispendo de ninguém que as substitua nessas tarefas, essas mulheres anseiam por retomar a antiga rotina de vida após o parto. “Tomara que (meu parto) seja normal e que a recuperação seja a mais rápida” (E18).

O outro sacrifício imposto à mulher-mãe que se ancora na perspectiva ambivalente da “maternidade paraíso-padecimento” e, portanto, na noção da “boa mãe”, diz respeito ao adiamento do trabalho fora de casa, que, no dizer das mulheres dessa pesquisa, só poderá ser efetivado “quando ele (o filho) ficar maiorzinho”. Apesar da queixa de que “depende de salário de marido (...) é muita chateação” (E18), a maioria dessas mulheres considera remota a possibilidade de virem a desempenhar alguma atividade remunerada fora do lar nos primeiros anos de vida de seus filhos.

A permanência da mulher-mãe dentro de casa como uma decorrência do sacrifício que a “boa mãe” deve fazer em nome da maternidade não é uma unanimidade entre as entrevistadas. Consta-se que a maioria delas se encontra na situação de “não vou trabalhar tão cedo” (E8), mas algumas já se arriscam a proclamar que “eu tenho que trabalhar” (E12) ou “eu volto a trabalhar, com certeza” (E19).

“O maternalismo tão defendido ainda” teria engendrado “uma regressão na condição das mulheres (...) consentida em nome do amor que se tem pelo filho (...)” de tal forma que “o inocente bebê”, a sua revelia, se tornara “o maior aliado da dominação masculina” (Badinter, 2011, p.122). Ao que tudo indica, esse ponto-de-vista parece não repercutir junto às mulheres dessa pesquisa, as quais talvez se identificassem melhor com a idéia de que “a igualdade política para as mulheres fará muito pouca diferença nesse torvelinho emocional que prossegue acima e abaixo da política, fora do esquema da vida social” (Paglia, 1992, p.29), que é a maternidade.

As feministas da década de 1960 “repudiaram a visão super romanceada da maternidade” identificando nela “os laços de seda da opressão” feminina. A crença era de que, dotando a mulher de maiores possibilidades de escolha profissional que pudessem garantir-lhes a independência econômica, “a maternidade acharia um modo de se resolver”. Mas, “é irrealista supor que a maioria das mulheres irá parar de ter filhos” e a maternidade “é de certa forma o calcanhar de Aquiles do feminismo moderno” (Forna, 1999, p.20-21).

A “boa mãe” sob a perspectiva da maternidade como “dádiva”

Ao afirmarem que “a mulher nasceu para ser mãe” (E6) e que “filho é uma coisa da mulher” (E3), as entrevistadas dessa pesquisa entendem a maternidade como a grande vocação feminina e, de certa forma, encampam a noção de que “a disjunção radical entre os sexos começa e termina no corpo”, e que “o fascismo da natureza é maior que o de qualquer sociedade” (Paglia, 1992, p.24 e31).

Vocação, do latim “vocare”, significa chamar (Houaiss, 2001, p. 2877). A vocação seria uma espécie de chamado interior relacionado a um dom natural e peculiar que vem de dentro do ser e que, como tal, independe de seu próprio esforço ou vontade, tornando toda vocação uma espécie de “dádiva”. De tal forma que é próprio daquele que é chamado ser um portador de sua vocação, pois ele carrega consigo um “dom” cujo merecimento não fora obtido por mérito próprio, mas lhe fora conferido como designo ou destino (Mauss, 2003, p.243-251).

A idéia de “destinação essencial” ou de “vocação” da mulher para a maternidade se apresenta articulada, na fala das entrevistadas dessa pesquisa, à noção de que “ser mãe é uma dádiva de Deus” (E18) ou “um presente” (E1) divino oferecido somente à mulher – “só as mulheres têm esse privilégio” (E6) – cabendo-lhe aceitar e se alegrar por isso: “se Deus (me) mandou (filhos), o que eu tenho que fazer é ficar feliz” (E14).

Ao donatário de uma “dádiva”, caberia a tarefa de partilhá-la, disponibilizá-la, distribuí-la, oferecê-la ao outro, pois, afinal, ele a obtivera de forma fortuita e graciosa e por razões desconhecidas (Mauss, 2003, p. 243-251). Negar-se a partilhar com outrem ou a retribuir a “dádiva” recebida seria o

mesmo que “matar a sua essência” ou “destruí-la para si e para os outros”, pois a sobrevivência da “dádiva” dependeria dessa moral voluntária e ao mesmo tempo obrigatória firmada entre doador e donatário, que estabeleceria que a uma doação sempre correspondesse uma retribuição (Mauss, 2003, p. 282).

Sob o ponto-de-vista da “maternidade-dádiva”, caberia à mulher-mãe consentir com a sua condição de donatária – “era o meu sonho ser mãe; eu sempre pensei em me casar e ter filho” (E20) – e retribuir o seu “dom” de forma a nunca matá-lo ou enfraquecê-lo – “eu fico querendo retribuir para a minha filha o que eu não tive de minha mãe” (E6) – mas, ao invés disso, fortalecê-lo e perpetuá-lo – “filho é para sempre” (E9).

Ser uma “boa mãe” é fundamental para essas mulheres que compreendem a maternidade como “dádiva”, tornando possível vislumbrar que é na condição de “boas mães” que elas conseguiriam se considerar quites com o “dom” materno recebido. Ao cuidar, zelar, dar atenção, educar, ser ao mesmo tempo carinhosa e rígida para com o filho, a “boa mãe” se empenharia em “ajudar o filho a caminhar e ser alguém na vida” (E10) e, com isso, cumpriria com a sua parte na “dádiva” da qual elas seriam donatárias. Ou seja, como “boas mães”, as mães dariam prosseguimento no filho ao “dom” de que teriam sido merecedoras e, assim, não deixariam que o ciclo da “dádiva” corresse o risco de “morrer ou enfraquecer” (Mauss, 2003, p. 282).

A “maternidade-dádiva” e a “boa mãe” checam o “*homo consumens*”

A “boa mãe” atualizada nas falas das mulheres dessa pesquisa problematiza a compreensão de que “querendo ou não, a maternidade não é

mais do que um aspecto importante da identidade feminina, e não mais o fator necessário à obtenção do sentimento de realização do eu feminino” (Badinter, 2011 p. 189), bem como o enquadramento da maternidade como uma “instituição datada, estreita, inalterada (...) que obriga a mulher a ser mãe (Forna, 1999, p. 20).

Ouvindo essas mulheres dizerem o quanto elas se sentem “especiais” sendo mães; como a maternidade lhes é “muito importante”; que elas sempre se “imaginaram” mães um dia; que “não existe recompensa maior para uma mulher do que a maternidade” ou que elas “não abririam mão de ser mães e de ter filhos”, constata-se quão distanciado dessas mulheres-mães está o raciocínio de que “a família é um agente central da opressão da mulher” (Chodorow, 2002, p.28). Será que essas mulheres convencidas de que “toda mulher tem que ser mãe” e de que “uma mulher que não pode gerar é muito triste” se perguntariam: “por que mães mulheres” e “por que o homem não pode desempenhar (...) os cuidados paternos e maternos” (2002, p.28)?

Se, por um lado, a complexidade da questão materna exposta pelas mulheres dessa pesquisa parece não conseguir ser apreendida pelo discurso feminista o qual, “herdeiro” do pensamento moderno, “racionaliza forças desgovernadas e ingovernáveis, (...) rejeitando a contingência, ou seja, a limitação humana pela natureza ou pelo destino” (Paglia, 1992, p.14-6), por outro, a noção de “maternidade-dádiva” oferecida por essas mulheres situaria a maternidade na condição de “estranha” ao discurso da “líquida racionalidade moderna dos consumidores” (Bauman, 2004, p.65).

A “dádiva” se remeteria ao “dom” que, por sua vez, teria a ver com o que é ofertado, dado fortuitamente, sem que se conheçam os motivos. Pela sua própria natureza, a “dádiva” escapularia à lógica do necessário, do útil, do consumo e do mercado; ela desafinaria o tom de uma “felicidade do tipo ‘satisfação garantida ou seu dinheiro de volta’” (Bauman, 2004, p. 64); ela seria inclusive um fator de “impureza” nas atuais relações humanas, para as quais qualquer vínculo ou engajamento – a “dádiva” vincularia irremediavelmente o doador ao donatário – pode ser entendido, hoje, como “opressão” ou “dependência incapacitante” (Bauman, 2004, p. 65).

Tanto a “maternidade-dádiva” quanto a “boa mãe”, como conceitos lastreadores da experiência materna das mulheres dessa pesquisa, destoariam do funcionamento do mundo contemporâneo engendrado sob medida para o “*homo consumens*”. Esse tipo ideal de homem que vinga com a lógica do consumo, em nossos dias, seria o avesso do “*homo faber*” – aquele que construía “uniões duradouras” baseadas na junção do sexo, do amor e da “disposição de procriar”. O “*homo consumens*” faria dos “grilhões da racionalidade” e da objetividade os juízes de suas relações amorosas – melhor dizendo: associações de “interesses confluentes” –, desvinculando o sexo de suas “antiquadas” conexões com “o amor, a segurança, a permanência e a imortalidade” e destituindo assim o “*homo sexualis*” de suas tradicionais funções sociais e culturais (Bauman, 2004, p. 41,65-66).

A “maternidade-dádiva” e a “boa mãe” que emergem do discurso das mulheres dessa pesquisa ainda se fariam acompanhar de “Eros” – que, “com certeza, não está morto, mas exilado” (Bauman, 2004, p. 57) –, o que

significaria dizer que essas mulheres fariam da maternidade uma ponte para a eternidade, pois o amor se expressaria na “geração” como “perpétua renovação” e “imortalidade” (Platão, Um Banquete, 2006, p.80).

A “mãe má”: “mãe (não) é tudo igual”

Por sua vez, “tem mãe que não merece ter filhos” (E10), o que quer dizer que “mãe (não) é tudo igual” (Moreira, L.S, 2009), como reza o ditado popular. A desigualdade entre as mães se estabelece, de acordo com os relatos das entrevistadas, na medida em que certas mães, ao invés de elegerem os filhos como o principal alvo de seu amor, atenção e cuidado, devotam seus mais nobres sentimentos aos seus parceiros amorosos: “minha mãe era apaixonada por ele (seu companheiro)” (E10) ou “minha mãe tinha um ciúme dele (seu pai)” (E7).

Quando elas argumentam que “minha mãe era uma mulher que não sabia cuidar de filho” (E12), elas estão afirmando que certas mães não se encaixam no modelo materno que elas possuem: o da “boa mãe” que honraria a “dádiva sagrada” da maternidade. As mães que cometem o pecado de amar mais os seus parceiros amorosos do que os seus filhos e, por isso, não lhes dedicar o que de melhor elas possuem, essas mães não estariam à altura da “dádiva” materna.

Não sendo “boas mães”, elas seriam as “mães más” ao estilo de Medéia, a personagem da tragédia narrada por Eurípedes (480-406 a.C.) que, na tradição lendária da mitologia grega, é a mulher bárbara e feiticeira que, diante da infidelidade do seu amado Jasão, resolve vingá-lo tragicamente trucidando

os dois filhos pequenos que tivera com ele, Feres e Mérmero, a fim de impingir a Jasão dor semelhante à que ele lhe causara (Brandão, 1998, p. 183-203).

As “mães más” seriam ainda as mães “antinaturais” para as quais “a sociedade reserva uma carga de ódio que nenhum assassino homem recebe”, e o medo de serem taxadas socialmente de “más” faz das mães em geral culpadas por “qualquer recusa ao sacrifício” (Forna, 1999, p.21). Ao contrário das “boas mães” que colocariam “naturalmente as necessidades do filho acima de tudo” (Badinter, 2011, p.88), as “mães más” diriam: “primeiro, eu” (Badinter, 2011, p. 133).

Esse amor materno acima de qualquer outro que as mulheres comuns contemporâneas dessa pesquisa enaltecem em suas falas, não possui uma história de coerência, de constância ou de universalidade. Ainda que “em todas as sociedades humanas conhecidas, as mulheres têm a responsabilidade básica do cuidado dos filhos pequenos” (Anderson y Zinsser, 2009, p. 36), é na modernidade que a “figura da mãe” é construída simbolicamente, se impondo para a mulher como um referencial identitário, “o fundamento da diferença reconhecida, mesmo quando não é vivida” (Perrot, 2007, p. 68), unificando o papel social do feminino que, até então, “variava enormemente dentro das diferentes culturas” (Anderson y Zinsser, 2009, p.48).

O amor maternal e a preservação da família não se constituíam como valores representativos para as comunidades nativas do Brasil de 1500. As índias brasileiras vendiam, matavam e comiam seus filhos, em função das conveniências da tribo. Na França do século XVII e XVIII, era comum as mães entregarem seus filhos a pessoas estranhas – amas de leite – e só virem a

reencontrá-los depois que atingiam uma certa idade. As mães americanas não costumavam abandonar seus rebentos, mas os deixavam sob a tutela de estranhos (Del Priore, 2007, p.14-16).

Talvez se possa conceber que a noção de “maternidade ativa” elaborada pelos iluministas para reforçar o “ideal de domesticidade” feminino (Anderson y Zinsser, 2009, p.610) aliada à divulgação dos resultados clínicos de Sigmund Freud, no início do século XX, demonstrando o papel fundamental do afeto materno na constituição do sujeito – “o sentimento materno (...) inicia e apóia autenticamente a criança que é objeto dele”, lhe permitindo tornar-se “um sujeito satisfeito com sua autonomia (...) e orgulhoso de sua condição humana” (Dolto, 1996, p. 228) – viabilizaram uma ambiência social para que “a mãe indiferente do século XVIII” se transformasse na “mãe coruja nos séculos XIX e XX” (Badinter, 1985, p.19), e continuasse atual no século XXI: “me imagino sendo uma mãe, no popular, muito coruja” (E3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maternidade evocada pelas mulheres comuns contemporâneas dessa pesquisa baseada no “sagrado”, no “mistério”, na “dádiva” e no “destino” do feminino não se ajusta aos preceitos modernos da lógica, da certeza, da objetividade e da cientificidade, tampouco se encaixa na forma de vida contemporânea regida pelo consumo, pela superficialidade das relações humanas e pelo individualismo do *homo consumens*.

A “boa mãe” trazida pela esteira da modernidade em meio à descoberta da infância e da maternidade aparece nessa pesquisa articulada à noção de

que ser mãe “é uma dádiva de Deus”. A “boa mãe” da “maternidade-dádiva” que destina ao filho sua principal atenção, é ambivalente quando faz da maternidade “paraíso” e padecimento” – então “ser mãe é padecer no paraíso” –, é o oposto da “mãe má” que não prioriza o filho – por isso, “mãe (não) é tudo igual” – e pode ser entendida como a forma mais adequada que a mulher-mãe possui de retribuir o “dom” materno que lhe fora concedido graciosamente.

O vínculo travado entre a “boa mãe” e a “maternidade-dádiva” requisita Eros como o grande engendrador da experiência materna a qual, dessa forma, só se torna atingível por intermédio do discurso amoroso. Ou seja, a “maternidade-dádiva” das mulheres dessa pesquisa não se realiza fora da perspectiva do amor e o modelo da “boa mãe” enquanto se mantiver atrelado à noção vocacional da mulher para gerar e parir filhos tenderá a continuar “em voga” no cenário social (Badinter, 2011, p.38).

Mas, o amor não consta do cardápio opulento do “banquete consumista”. As “boas mães” a que as mulheres dessa pesquisa se referem seriam as “famintas”, as “excluídas”, as “consumidoras falhas”, as “fracassadas” da sociedade de consumo. A “maternidade-dádiva”, por sua vez, subverteria a “soberania da racionalidade do consumidor” (Bauman, 2004, p.66 - 68).

Deslocadas e desajustadas do discurso consumista atual; desacreditadas do discurso moderno o qual, há mais de três séculos, vem limpando o ambiente social de toda possibilidade de ambivalência e transcendência mediante o privilégio da razão; estrangeiras ao discurso feminista que não consegue extrapolar os parâmetros modernos de funcionamento social e, com isso, fracassa ao se dirigir às mulheres que são

ou querem ser mães, pode-se afirmar que a “maternidade-dádiva” e a “boa mãe” das mulheres comuns contemporâneas dessa pesquisa promovem, pela via amorosa, um mundo de “solidariedade, compaixão, troca, ajuda e simpatia” (Bauman, 2004, p.91), instalando ao menos alguma dúvida nesse discurso da imediatez do sujeito contemporâneo que cada vez mais ganha *status* de um discurso consensual (Hall, 1993, p. 226).

As mulheres comuns contemporâneas dessa pesquisa com sua idéia de uma “maternidade dádiva” trazem para o nosso mundo globalizado, desmistificado e dessacralizado os vestígios do homem religioso, ou seja, do homem consciente dos laços que o unem à Criação e, portanto, crente de que algo de sagrado o habita. Pode-se dizer que a “maternidade dádiva” atualiza a santidade do mundo e, ao fazê-lo, não deixa de causar certo mal-estar ao homem moderno que “faz-se a si próprio” (Eliade, 1992, p.164) e, para tanto, esvazia a si mesmo de toda religiosidade e toda transcendência.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ANDERSON, B.S. y ZINSSER, J.P.. **Historia de las mujeres** – Una historia propia. Espanha: Editora Crítica, 2009.

BADINTER, E. **Um amor conquistado** – O mito do amor materno, 3. ed., Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1985.

----- **O Conflito** – A mulher e a mãe. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo (SP): Edições 70, 2011.

BAUER, M. W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – Um manual prático. 7ª. ed. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed., 1999.

----- **Amor Líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor, 2004.

BERGER, P. L. e LUCHMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1999.

BRANDÃO, J.S. Jasão: o mito dos argonautas. In: **Mitologia Grega**. Vol. 3. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1998, p. 175-205.

CHODOROW, N. **Psicanálise da maternidade** – uma crítica a Freud a partir da mulher, 2. Ed. Rio de Janeiro (RJ), Editora Rosa dos Tempos, 2002.

DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**, 9. Ed., São Paulo (SP): Contexto, 2007.

DENCKER, A. F. M. e DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas** (com ênfase em comunicação). 2ª Ed, São Paulo (SP): Futura, 2001.

DOLTO, F. **No jogo do desejo** – Ensaios clínicos. São Paulo (SP): Editora Ática, 1996.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano** – A essência das religiões. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1992.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3ª. ed.. Porto Alegre (RS): Artmed, 2009.

FORNA, A. **Mãe de todos os mitos** – Como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro (RJ): Ediouro, 1999.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade** – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo (SP): Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, S. et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993, p. 93-237.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro (RJ): Editora Objetiva Ltda, 2001.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. **A construção do saber** – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG: Porto Alegre (RS): Artmed Editora, 1999.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo (SP): Cosac & Naify, 2003.

MELLA, O. **Naturaleza y orientaciones teórico-metodológicas de la investigación cualitativa**. Publicado na internet em 1998. Acesso em 17 de setembro de 2012.

MONTAGNER, M. A. **Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana**. In: Sociologias no. 17. Porto Alegre Jan/June 2007.

MOREIRA, L.E; NARDI, H.C. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 17, n. 2, Aug. 2009.

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200015&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Oct. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200015>.

MORIN, E. Problemas de uma epistemologia complexa. In: **O problema epistemológico da complexidade**, 2ª. Ed.. Lisboa, Publicações Europa-América, 1983, p. 13-34.

----- **Cultura de Massas no Século XX**. Vol. 1. Neurose. 9ª. Ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2005.

PAGLIA, C. **Personas Sexuais** – Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. São Paulo (SP): Editora Schwarcz Ltda, 1992.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo (SP): Contexto, 2007.

PLATÃO. Um Banquete in **Diálogos**. São Paulo (SP): Cultrix, 2006, p. 39-98.

TOURAINE, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.

ANEXOS - FIGURA 1

**EIXOS TEMÁTICOS ENCONTRADOS
NAS ENTREVISTAS**

FIGURA 2

**EIXOS TEMÁTICOS X
PARTICIPAÇÃO DAS 20 ENTREVISTADAS**

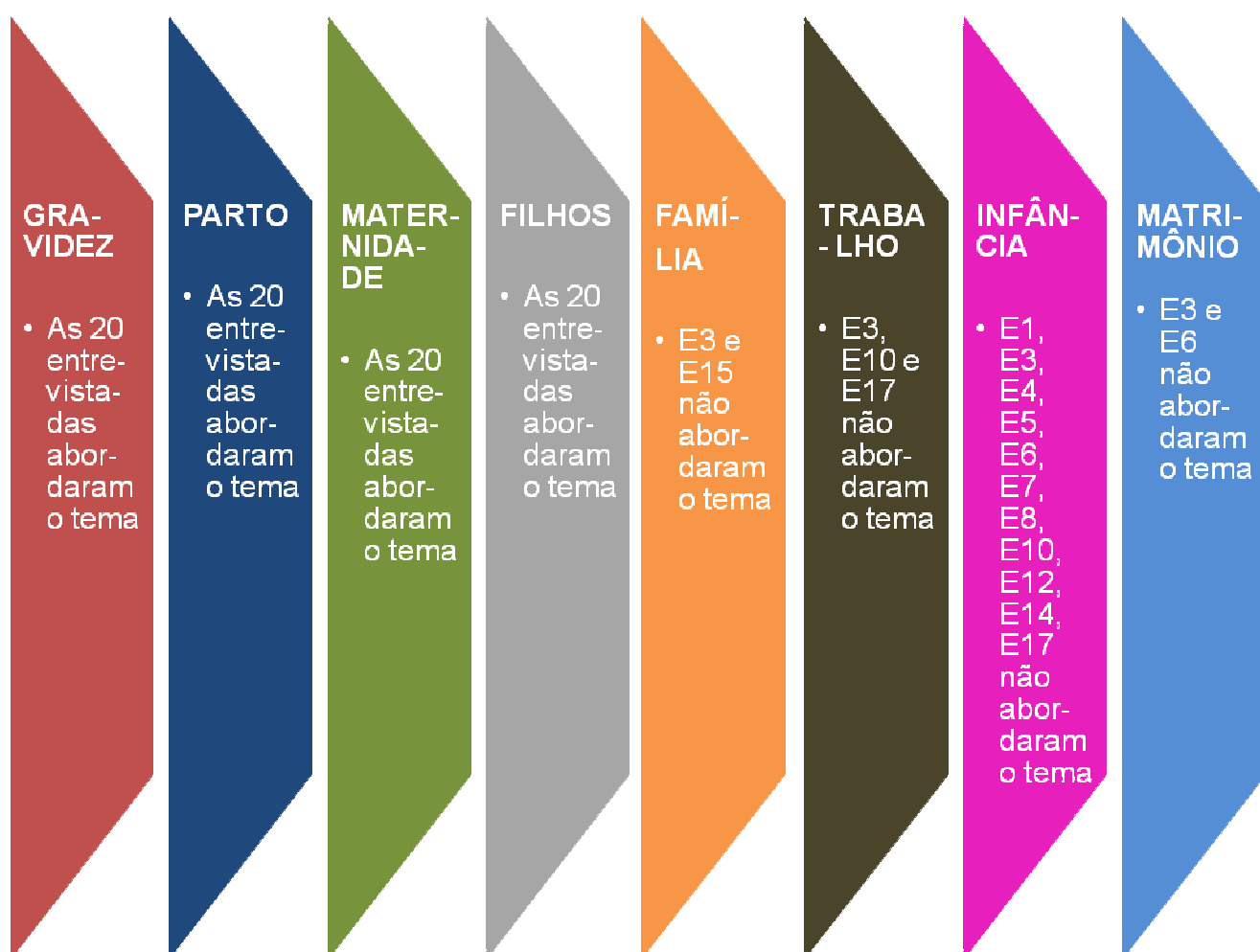


FIGURA 3

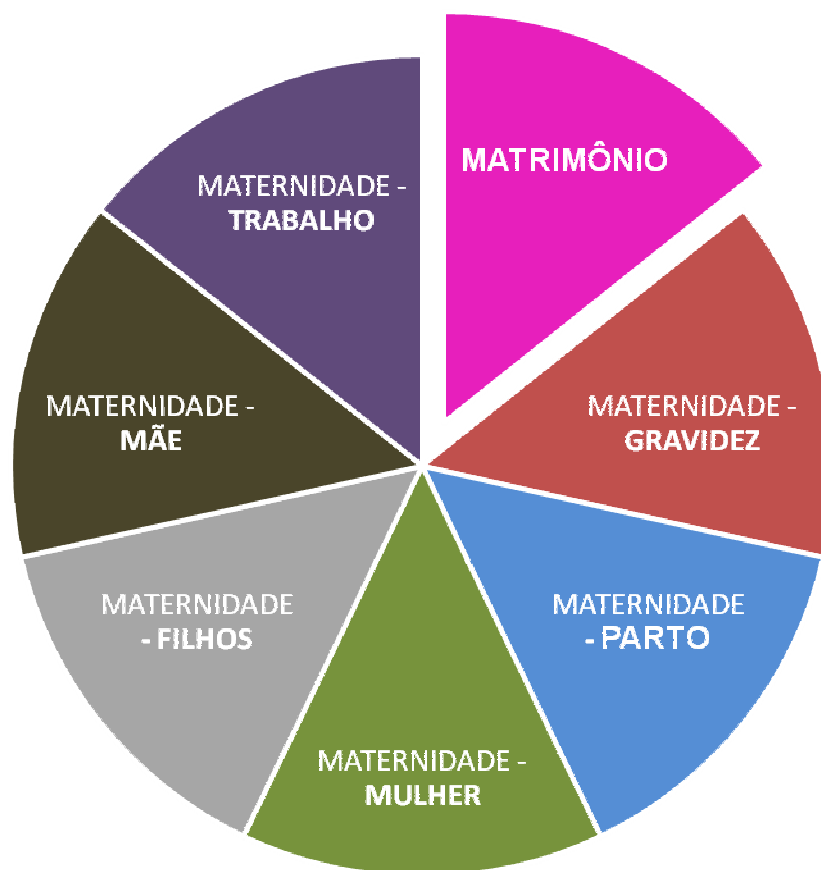
EIXOS TEMÁTICOS REFORMULADOS

FIGURA 4

**LÓGICA DE FUNCIONAMENTO DOS
SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE**

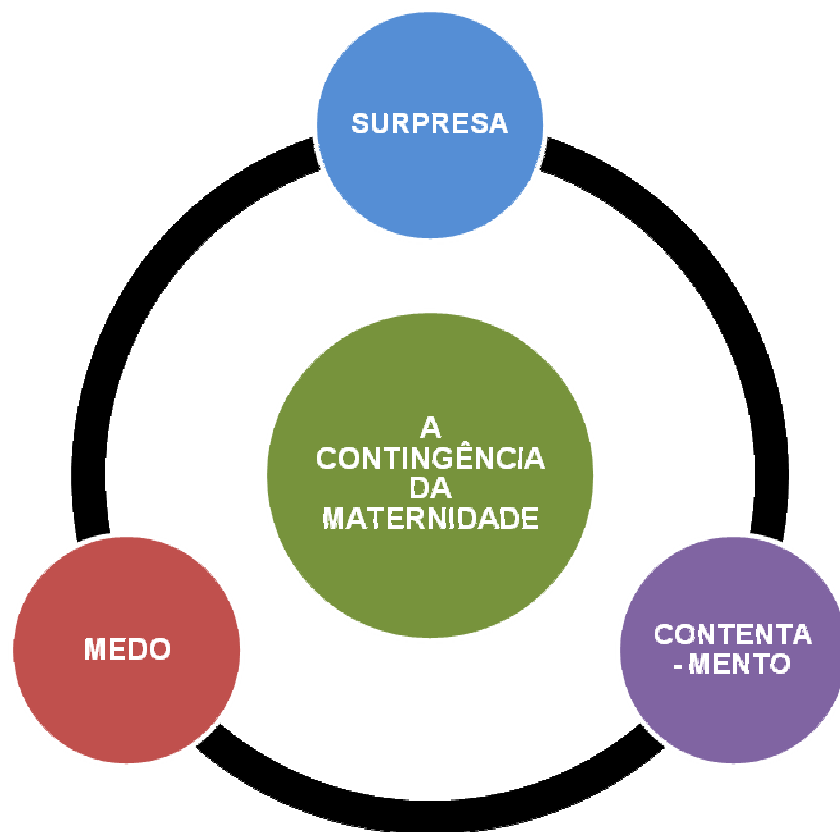


FIGURA 5

**FEIXES TEMÁTICOS RELACIONADOS
À VOCAÇÃO MATERNA DA MULHER**



FIGURA 6

**FEIXES TEMÁTICOS RELACIONADOS À NÃO VOCAÇÃO
DAS MULHERES PARA A MATERNIDADE**

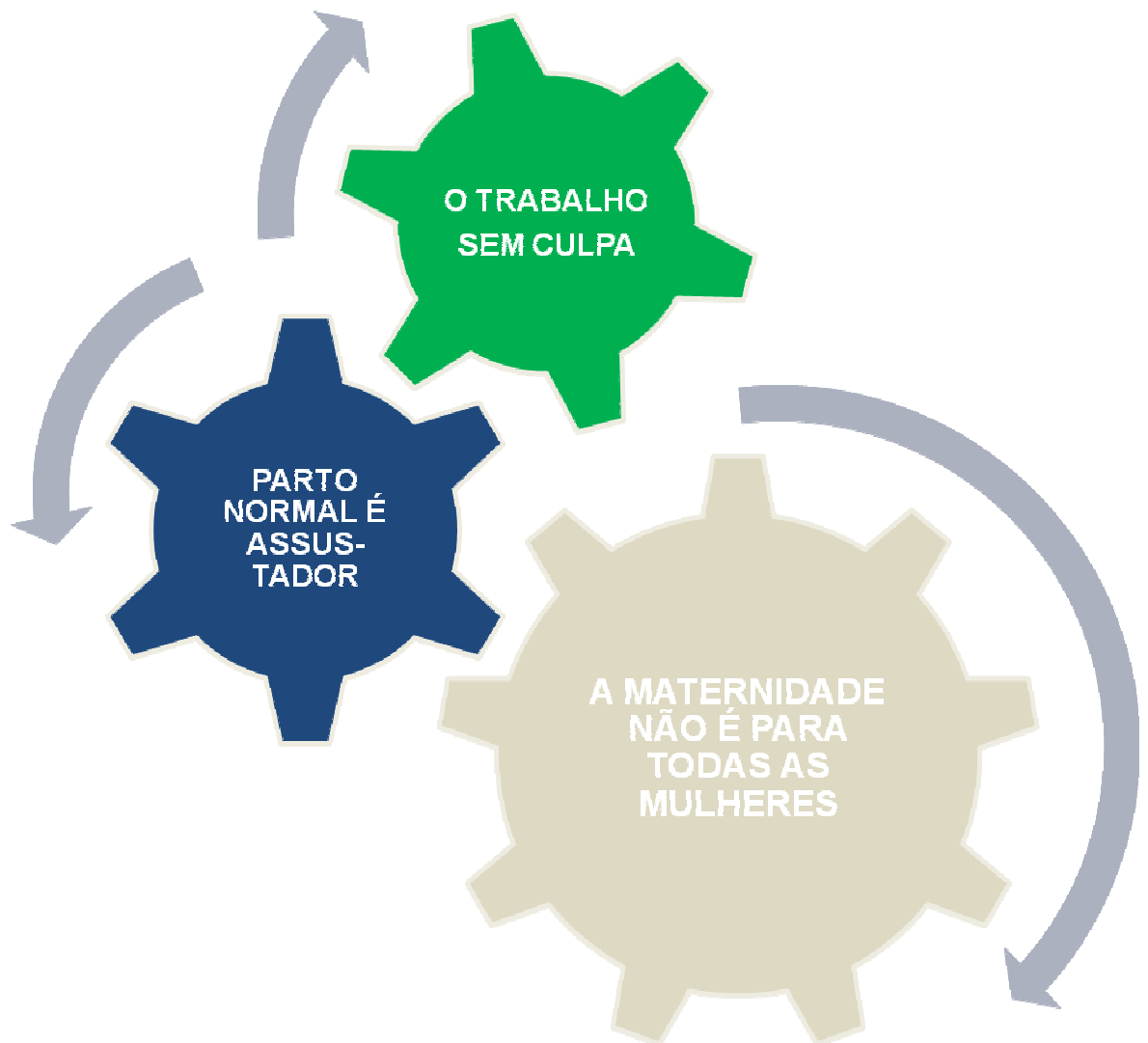


FIGURA 7

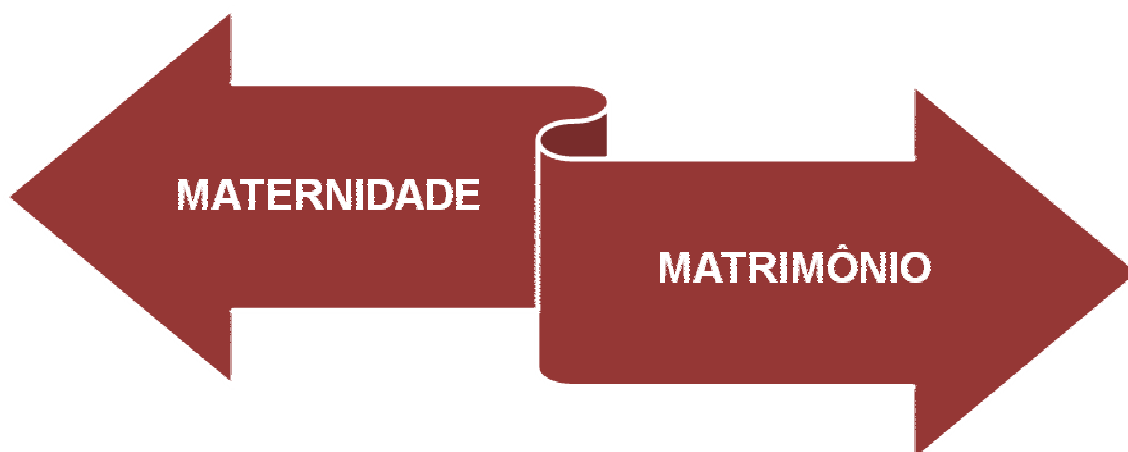
FEIXE TEMÁTICO - MATRIMÔNIO

FIGURA 8

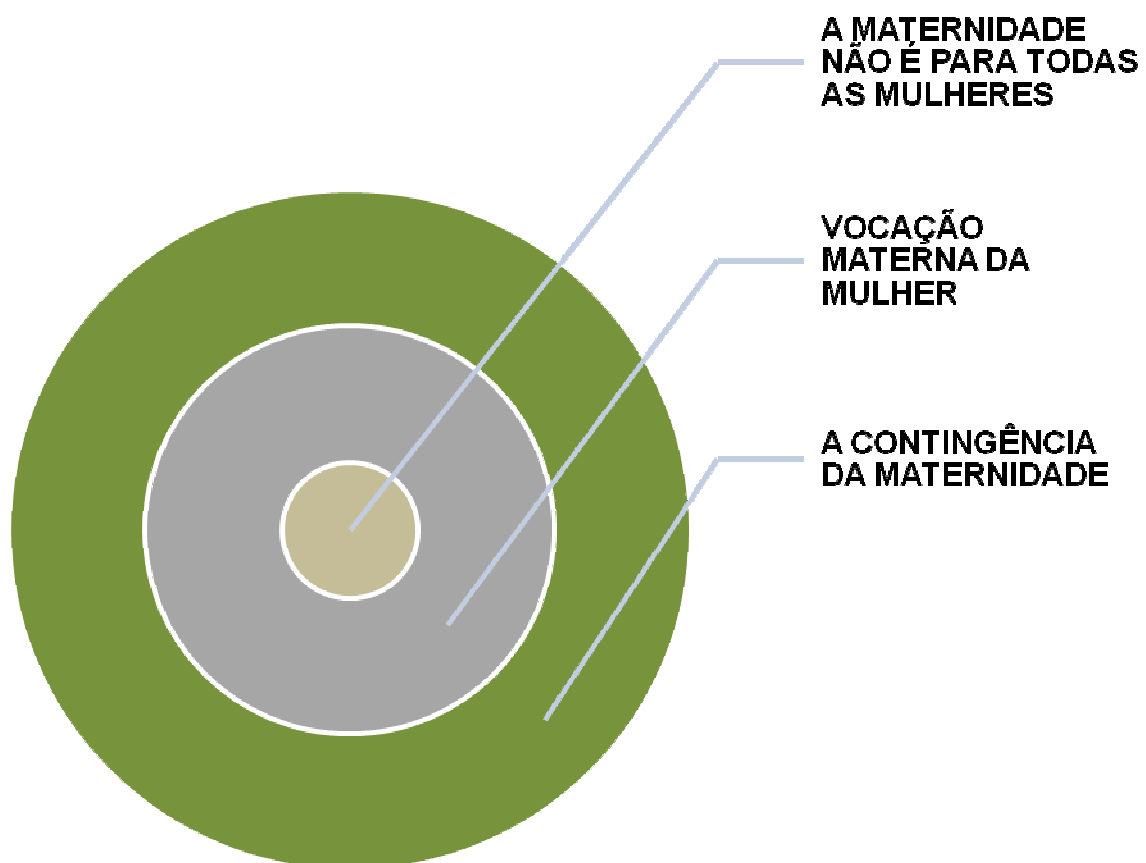
AS TRÊS CATEGORIAS DE SENTIDO DA PESQUISA

FIGURA 9

**ENUNCIADOS REPRESENTATIVOS DAS
TRÊS CATEGORIAS DE SENTIDO DA PESQUISA**

A CONTINGÊNCIA DA MATERNIDADE	VOCAÇÃO MATERNA DA MULHER	A MATERNIDADE NÃO É PARA TODAS AS MULHERES
<ul style="list-style-type: none">• A MATERNIDADE NÃO PODE SER MUITO CALCULADA	<ul style="list-style-type: none">• A MULHER NASCEU PARA SER MÃE - E TUDO MAIS	<ul style="list-style-type: none">• NEM TODA MÃE É ESPECIAL

TABELA 1 - EIXOS DE SIGNIFICADOS

GRAVIDEZ: SIGNIFICADOS	Entrevistadas
Presente	
Algo quase impossível;	E1
Outra mulher;	E1
Distinção social;	E1
Bem-estar	E1, E4
A saúde melhorou	E10
Dúvida sobre a possibilidade de ter filhos	E6
Tem um novo companheiro	E7, E10, E14, E15
O bebê é um menino	E7
O bebê é uma menina	E16
Surpresa	
Acomodando-se à nova situação	E2, E7, E9, E11, E12, E16, E17, E18
Acreditando e desacreditando;	E7
O marido achava que não era fértil.	E7
Saúde pior (do que na primeira gravidez);	E8
Marido menos carinhoso (do que na primeira gravidez);	E8
Descobrimo o que é ser mãe (mais do que na primeira gravidez).	E8
Os médicos me diziam que eu não poderia engravidar nunca;	E12
É menina e eu queria menino;	E12
Agora eu já consigo aceitar.	E12
O pai queria um menino;	E16
Um choque para a mãe;	E16
Aquisição de respeito familiar.	E16
A atenção especial do marido	E18
Por estar grávida pela primeira vez	E20
Emoção ímpar	E3
Apesar de ter vindo sem estar sendo esperado agora	E3
Apesar do desconforto	E6
Pela distinção familiar;	E3
Por sentir o filho dentro da barriga;	E3
Pelo primeiro ultrassom;	E3
(Por estar) Acompanhando cada fase.	E3
Pela interação mãe/filho	E3, E19
De ser mãe	E19
Desespero	
Desencontro de momentos;	E5
O tempo não passa;	E5
Sensação de permanente mal-estar;	E5
Desconfiança no profissional médico;	E5
Ansiedade com o momento do parto;	E5

Desamparo;	E5
Afastamento do filho e de todos.	E5
Rompimento com a rotina	E5, E17
Padecimentos e Sacrifícios	E7, E8, E9, E14, E17, E20
Medo	
De a gravidez não vingar;	E7
De não estar mesmo grávida.	E7
Por não ter uma casa própria	E9
Da responsabilidade de ter um filho	E18
De não poder ter filho e de um monte de coisas	E19
Refazer os planos de vida	E9, E16
Problema	
Com a família	E11
Com o marido	E19
Pavor	
De frustrar o pai amado;	E12
De confirmar as expectativas da mãe odiada.	E12
Reatamento do namoro terminado	E12
Desinformação/Informação (Trechos de entrevistas)	E14, E16
Casamento/Juntamento	E9, E14, E15
Acidente	E16
Sem vergonha de estar grávida nos 42 anos	E7
PARTO – NASCIMENTO: SIGNIFICADOS	Entrevistadas
Receio:	
E na hora, como vai ser?	E1, E3, E6
Não, meu Deus, passar por isso!	E1
Alegria;	E1
A mulher precisa de passar;	E1
A mulher se torna mais mulher;	E1
Que seja normal	E1, E3, E4, E7, E9, E10, E11, E12, E14, E15, E16, E17, E19
Eu nasci de parto normal	E1, E2, E8, E12
Minha mãe teve todos os filhos de parto normal	E1, E2, E4, E5, E6, E8, E14, E19
O parto normal é o melhor para a mãe e para o bebê	E3, E10
O corpo da mulher já foi feito para o parto normal	E3
Eu quero participar	E6
Eu nasci de parto cesáreo	E9
Eu só tenho parto normal	E13
Deus quem quis que eu vivesse;	E1
Vou ser mãe.	E1
Vou ser mãe de uma menina	E16
Dar a luz é um privilégio e uma responsabilidade;	E1
Você vai ser responsável por outra vida;	E1

Agora minha vida vai dar uma guinada;	E1
O nascimento é renúncia;	E1
É próprio da mulher gerar;	E1
É próprio do homem prover.	E1
Eu não tinha força para colocá-lo para fora;	E2
Dor;	E2
Para se sentir mãe, tem que sentir a dor do parto	E6
O parto não foi aquilo que eu esperava;	E2
O médico falou que eu não poderia fazer cesárea;	E2
Se não tem problema, parto normal;	E2
Se eu tivesse feito uma cesárea antes... ;	E2
Poucas mulheres querem cesárea;	E2
Pais não conversam sobre parto com as meninas;	E2
A informação do parto vem com a gravidez;	E2
Você está demorando esse tempo todo?;	E2
Eu tive que ficar bem rápido para cuidar do meu filho;	E2
Estão falando que é um menino;	E2
A culpa é de quem?;	E2
Como voltar atrás?.	E2
Nasci de 8 meses;	E3
Vi minha mãe muito grandona.	E3
Medo:	
Eu ficava pensando se acontecesse alguma coisa comigo	E3, E4
Medo de estar sozinha	E4
Medo de acontecer alguma coisa errada nessa hora	E4, E5, E18
Medo de perder o bebê de novo;	E6
Medo do filho sair negro.	E6
Medo da anestesia	E8
Sem medo do parto; com medo de grito e de altura	E12
Eu não tenho medo, não;	E13
Medo da anestesia	E13
E se eu morrer na hora?	E13, E14
Medo do segundo parto	E16
Nada a reclamar do atendimento	E3
Preocupação:	
Com a hora do parto	E3
Com a idade	E7
Atenção redobrada com o bebê que ainda não fala	E3
Trauma;	E5
Parteira: desejo e medo;	E5
Decepção	E5
Os infortúnios do parto e da gravidez	E6, E10
Cesárea: ah! Não.	E7, E11
Emoção	E7

Pedi ao médico para tirar;	E8
Mau parideira;	E8
Parto normal é assustador;	E8
O sofrimento da cesárea;	E8
Indiferença com o recém-nascido	E8
Deu tudo certo com a minha cesárea	E9, E14, E17
Eu não pensava em parto	E9, E10, E12
Hoje, eu prefiro a cesárea	E10, E20
Não é só colocar a criança no mundo	E10
Religião ajuda muito	E14
O meu ponto fraco são os meus filhos	E14
Eu tento não lembrar para ter coragem de ter outro filho	E15
É um momento muito ruim e dói	E16
Ninguém pensa no parto	E19

MATERNIDADE – MULHER: SIGNIFICADOS

Entrevistadas

União, amadurecimento, humanidade, responsabilidade	E1; E9; E19
Uma dádiva, um privilégio	E18
Eu sempre me imaginei tendo um filho	E1; E2; E3; E6; E15; E20
Mas, sempre ia adiando	E3
Para cuidar dele como eu cuidava das minhas bonecas	E5
Eu não pensava nisso, não. Eu pensei nisso depois	E8; E17; E18
Nossa, e eu? Será que eu vou poder ter filho?	E8
Só que eu sabia que eu não podia	E12
A mãe "amiga"	E1
Toda mãe é especial para o filho	E1; E16
É mais carinhosa e diferente para conversar	E2
Para mim, meu pai é minha mãe	E6
A mulher que quer ser mãe	E10
Nem toda mulher – mãe é especial	E10; E14
A maternidade faz a diferença na vida da mulher	E1; E8; E9; E16
Um filho completa uma casa	E2
Parece que fechou um círculo	E3
É bom ser mãe	E4; E8; E13; E14; E17
Sou uma boa mãe	E8; E9; E10; E13; E14; E15; E16; E18
Eu não quero que minha filha seja o que eu fui	E8
A recompensa de uma mãe é o amor e o carinho do filho	E11
Eu quero ser a melhor mãe do mundo	E12
Ser mãe ontem e hoje	E1; E2; E3; E8; E11
A maternidade é muito importante para mim	E1; E8
A maternidade não pode ser muito calculada	E1; E7; E15; E19
A gente tem que ter esperança	E1

É questão de amor mesmo	E1; E11; E16; E20
Não estava esperando e aconteceu	E1; E2; E3; E10
Só que eu esperava um menino	E12
A mãe não abandonou a luta com os filhos;	E1
O buraco maior é ela (a mulher) que tampa	E1
Filho é uma coisa da mulher	E3; E7; E10; E13
Às vezes, é difícil ser mãe	E4
A mulher nasceu para ser mãe e tudo mais	E6; E11
Se eu não fosse mãe, eu seria uma pessoa totalmente frustrada;	E6
Se eu não gerasse um filho, eu me sentiria uma pessoa inútil;	E6
Só as mulheres têm o privilégio de gerar.	E6
Menino é um presente de Deus	E7
Não me imagino não sendo mãe	E8
Nem toda mulher deve ser mãe	E10; E13
A mãe tem que ter o papel principal nessa história	E11
Depois que eu arrumei minha filha, mudou tudo.	E14
Muitas mulheres não querem ser mãe	E9; E11; E19
Para não passarem pela dor do parto	E2
Porque não querem ter filhos de forma alguma	E2; E7
Falta sempre algo à mulher que não é mãe	E3
É possível ser feliz sem filho	E9; E13; E15; E16; E17; E18; E19
Mulheres casadas normalmente querem ter filhos	E12
Existe uma tendência, hoje, das mulheres adiarem a maternidade	E2; E5
A mãe "coruja"	E3
A minha mãe	E9; E10; E18
O pai	E9; E10; E11
Pai e mãe	E11
Desespero	E10; E17

FILHOS – EDUCAÇÃO – EXPECTATIVAS: SIGNIFICADOS	Entrevistadas
Filho é uma questão de escolha e de amor	E1
Filho não é só ter, tem que educar	E1; E8; E16
Educação se faz conversando com a criança	E3; E5; E13; E18
Educar ontem e hoje	E4; E6; E7; E8; E9; E12; E14; E15; E16
O perigo são as más companhias	E15; E18
Filho X Trabalho	
O trabalho está no horizonte	E2; E10
Homens e mulheres se equiparam cada vez mais no trabalho	E2
Priorizar a atenção ao filho;	E1
O marido passa a ser o único provedor	E1
A creche é uma saída	E5
Eu quero estudar e eu vou ter que trabalhar também	E11
Filho carece de pai e mãe	E1

O homem sempre ajuda	E3; E11
Só vou ter um filho;	E1
A adoção como opção.	E1
Meu filho é especial	E2
Adolescente, só Deus prá dar conta	E2; E3
Filho é uma responsabilidade muito grande	E3
Tem que saber se você está preparada para aquilo	E3
Tem que haver um planejamento	E8
A mãe entende o filho	E3; E7
O filho fecha um círculo;	E3
O sonho do filho perfeito.	E3
Com meu filho não vai acontecer nada de errado	E3; E6; E11; E17; E19; E20
Sonho com muitas coisas para eles	E4; E9; E10
A gente faz muita coisa por causa do filho	E5
Menino X Menina	E5; E6; E7
Filho não segura o marido	E8
Eu sempre fui apaixonada por criança	E11; E17
Amor de filho não se explica	E11

FAMÍLIA – MÃE – PAI – IRMÃOS: SIGNIFICADOS	Entrevistadas
Famílias: uma biológica e uma adotiva	E1
Fui uma filha mais mimada	E2
Irmãos criados separados	E4
Cresci sozinha	E5
Minha irmã foi minha mãe	E6
Minha mãe não ligava para nada	E7
A gente fica muito dividida entre um e outro	E9
A mãe preferia o marido aos filhos	E10
A avó materna é a mãe de todos os netos	E11
Minha mãe era uma mulher que não sabia cuidar de filhos	E12
Minha mãe olha os meus filhos para eu poder trabalhar	E13
Minha mãe sempre foi boa	E14
Infância feliz	E17
Minha mãe depende muito de mim agora	E18
Minha mãe foi quem uniu a família	E19
Uma família marcada pela doença	E20

TRABALHO – ESTUDO – ROTINAS DOMÉSTICAS: SIGNIFICADOS	Entrevistadas
Os filhos vêm em primeiro lugar	E1
Quando ele ficar maiorzinho ...	E2; E4; E6; E7; E9; E18
Não vou trabalhar tão cedo	E8
Vou trabalhar	
Só eu conseguir levantar e andar que eu já volto a fazer tudo de novo	E5; E19
Eu não sou aquela menina de ficar em casa	E11

Eu tenho que trabalhar	E12
É muito bom trabalhar	E13
Eu tinha o apoio da minha mãe, agora vai ficar mais complicado	E15
Não é vantagem parar de fazer as coisas que eu tenho vontade	E16
Me mandaram embora com um mês de gravidez	E14

INFÂNCIA – ADOLESCÊNCIA: SIGNIFICADOS	Entrevistadas
Infância feliz, adolescência normal.	E2; E9; E11; E13; E15; E18
Eu virei adulta muito rápido.	E19
Difícil, mas feliz	E20
Não me lembro	E16

MATRIMÔNIO(S) - MARIDO(S): SIGNIFICADOS	Entrevistadas
Casamento não é nenhum mar de rosas	E1
Minha vida mudou completamente	E9
A gente vive bem	E13
Ele é muito bom prá mim	E14
Eu quero conviver com ele prá ver como será	E16
Um é mais palhaço do que o outro	E18
Sou amigada	E20
O casamento desandou	E3
Cada casal tem um problema	E8
O problema é o ciúme	E11
O bom marido coopera, ajuda, cuida	E4
Meu marido ficou diferente depois que eu engravidei	E5; E8; E19
Todo filho que é bom prá mãe é bom pai e bom marido	E7
Saudades da vida de solteira;	E8
Não me casaria de novo;	E8
Homem não vive sem mulher (mãe ou esposa);	E8
Ninguém é de ninguém;	E8
Não gosto de homem que bebe.	E8
A dificuldade do pai de filhos de outros pais;	E10
Cada filho é de um pai diferente	E10
Eu quero um casamento muito bonito e uma festa linda	E11
Filho não atrapalha casamento	E15

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhora gestante,

Sou aluna da pós-graduação da Faculdade de Medicina da UFMG e estou desenvolvendo a Pesquisa “Olhares Femininos Contemporâneos sobre o Parto”. A Pesquisa pretende conhecer o que as mulheres de hoje pensam sobre o parto, o nascimento e a maternidade. A Pesquisa poderá contribuir para que as mulheres, gestantes e mães, possam ser melhor compreendidas na nossa sociedade.

Se a senhora me permitir, gostaria de conversar com a senhora a respeito do assunto. A conversa poderá se registrada em gravador ou apenas por escrito, de acordo com a sua vontade. A senhora não será identificada e os dados colhidos serão utilizados única e exclusivamente no cumprimento dos objetivos da Pesquisa. Os resultados, estes poderão ser divulgados nos fóruns acadêmicos usuais e em publicações científicas ou em outras formas de divulgação de interesse público e/ou social.

Não aceitar participar da Pesquisa em nada afetará o atendimento médico que lhe é prestado e não haverá qualquer interferência deste trabalho no seu andamento. E mesmo que a senhora concorde em participar da pesquisa, agora, a senhora poderá desistir de continuar participando dela, em qualquer momento. As informações dadas pela senhora serão mantidas em segredo.

Caso deseje algum esclarecimento complementar, deixo-lhe os seguintes telefones: (31) 3409-9813 (Pesquisadora Maria Amélia – Departamento de Medicina Preventiva e Social) e (31) 3409-4592 (Comitê de Ética em Pesquisa – COEP/UFMG – situado na Av. Presidente Antônio Carlos, no. 6627, Unidade Administrativa II – 2º. Andar, Sala 2005).

Declaro concordar com as condições de minha participação como informante desta Pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de _____ de _____

Assinatura da GESTANTE INFORMANTE

Assinatura da PESQUISADORA - Maria Amélia Tostes Filgueiras Campos

Assinatura do PESQUISADOR RESPONSÁVEL – Prof. Joaquim A.C. Mota



FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 - sala 533
Belo Horizonte - MG - CEP 30.170-110
Fone: (31) 3409-9841 - FAX: (31) 3409-9810
epg@medicina.ufmg.br



ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO de MARIA AMÉLIA TOSTES FILGUEIRAS CAMPOS nº de registro 2009658935. Às quatorze horas, do dia 07 de junho de dois mil e treze, reuniu-se na Faculdade de Medicina da UFMG, a Comissão Examinadora de tese indicada pelo Colegiado do Programa, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: "A MATERNIDADE PARA AS MULHERES CONTEMPORÂNEAS", requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente. Aberto a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Joaquim Antônio César Mota, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do trabalho final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Joaquim Antônio César Mota – Orientador	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovado</u>
Prof.ª Rosa Maria Quadros Nehmy - Coorientadora	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovado</u>
Prof.ª Cristiane de Freitas Cunha Grillo	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovado</u>
Prof. Roberto Assis Ferreira	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovado</u>
Prof. Marcus André Vieira	Instituição: PUC-RJ	Indicação: <u>APROVADO</u>
Prof.ª Jacqueline de Oliveira Moreira	Instituição: PUC-MG	Indicação: <u>APROVADO</u>

Pelas indicações a candidata foi considerada Aprovado

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 07 de junho de 2013.

Prof. Joaquim Antônio César Mota – Orientador _____

Prof.ª Rosa Maria Quadros Nehmy - Coorientadora _____

Prof.ª Cristiane de Freitas Cunha Grillo _____

Prof. Roberto Assis Ferreira _____

Prof. Marcus André Vieira _____

Prof.ª Jacqueline de Oliveira Moreira _____

Prof.ª Ana Cristina Simões e Silva / Coordenadora _____

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

Prof.ª Ana Cristina Simões e Silva
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente
Faculdade de Medicina/UFMG



FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640
epg@medicina.ufmg.br



DECLARAÇÃO

A Comissão Examinadora abaixo assinada, composta pelos Professores Doutores Joaquim Antônio César Mota, Rosa Maria Quadros Nehmy, Cristiane de Freitas Cunha Grillo, Roberto Assis Ferreira, Marcus André Vieira e Jacqueline de Oliveira Moreira aprovou a tese de doutorado intitulada: “**A MATERNIDADE PARA AS MULHERES CONTEMPORÂNEAS**” apresentada pela Doutoranda **MARIA AMÉLIA TOSTES FILGUEIRAS CAMPOS** para obtenção do título de doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em 07 de junho de 2013.



Prof. Joaquim Antônio César Mota
Orientador


Profª. Rosa Maria Quadros Nehmy


Profª. Cristiane de Freitas Cunha Grillo


Prof. Roberto Assis Ferreira


Prof. Marcus André Vieira


Profª. Jacqueline de Oliveira Moreira